

U N I V E R S I D A D E   D E   S ã O   P A U L O  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
D E P A R T A M E N T O   D E   G E O G R A F I A

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INDIVIDUAL II

***O CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO E OS CÍRCULOS DE  
COOPERAÇÃO NO ESPAÇO DO GRUPO 3CORAÇÕES***

VITOR STIPP  
ORIENTADOR: PROF. FABIO CONTEL

SÃO PAULO

2023

<b>Introdução</b>	2
<b>Capítulo 1 - A evolução recente dos circuitos espaciais do café no território brasileiro e sua internacionalização</b>	6
1.1 A periodização da cafeicultura brasileira	6
1.2 A criação do Consórcio Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento do Café e do Plano de Desenvolvimento do Café	11
1.3 O jogo de escalas do circuito espacial do café	12
<b>Capítulo 2 - Os circuitos espaciais de produção e os círculos de cooperação no espaço: exemplos para o caso brasileiro</b>	15
2.1 O circuito espacial do complexo industrial da saúde no Brasil	16
2.2 O circuito espacial produtivo e o círculo de cooperação do petróleo no Brasil	20
2.3 O circuito espacial de produção da Nestlé no Brasil	23
2.4 O circuito espacial da tilapicultura no Paraná	25
<b>Capítulo 3. O circuito espacial e os círculos de cooperação do Grupo 3Corações e a sua internacionalização</b>	29
3.1 Os Relatórios de Sustentabilidade do Grupo 3corações de 2019, 2020 e 2021	32
3.2 O recente crescimento econômico e a nova estrutura de controle do Grupo	33
3.3 As marcas do Grupo 3corações	35
3.6 Projetos de expansão recentes	39
3.7 Elementos do circuito: cadeia de fornecimento, distribuição e exportação	41
3.8 Modernização do circuito espacial: novos produtos, novos elementos dos círculos de cooperação	45
<b>4. Considerações finais</b>	48
<b>5. Referências bibliográficas</b>	50

## Introdução

O processo de globalização complexificou a divisão territorial do trabalho em escala global. Os próprios processos internos das empresas, principalmente as firmas transnacionais, se tornam mais complexos com a dispersão de suas atividades produtivas, devido à possibilidade de comando de atividades à distância, preservando a centralização do controle informacional. Em outros termos: a parcela da produção se desconcentra no espaço, mas o controle das unidades produtivas permanece centralizado.

Segundo Santos e Silveira (2001), existem divisões territoriais do trabalho internas às firmas, assim como existem redes de equipamentos fixos ou infraestruturas pertencentes a elas. Nesse sentido, é necessário investigar a base material presente nas regiões produtivas na qual se insere uma empresa, pois o espaço pode estimular ou atrasar a dinâmica de fluxos, conferindo competitividade e fluidez às atividades ou dificultando suas ações. Por isso, conforme Arroyo (2012), no estudo de um circuito espacial, devemos observar a topologia das empresas num determinado período temporal para entendermos as transformações ocorridas nas suas atividades em função das melhorias nos sistemas de engenharia e das condições técnicas que mobilizam fluxos de mercadorias e informações. Parte desta investigação consiste na identificação dos tipos de produtos fabricados ou produzidos em cada localidade dentro da periodização desejada, pois em cada intervalo espaço-temporal o conteúdo espacial difere, assim como a densidade técnica da qual se vale a empresa.

Esta pesquisa, vinculada à disciplina *Trabalho de Graduação Individual II* do bacharelado em Geografia na Universidade de São Paulo, procurou compreender a organização do circuito espacial produtivo e dos círculos de cooperação no espaço das empresas produtoras e processadoras de café do Grupo 3corações, dando ênfase ao seu projeto de internacionalização. As problemáticas investigadas podem ser resumidas nas seguintes questões: como se caracterizam o circuito espacial produtivo e os círculos de cooperação no espaço das empresas produtoras e processadoras de café do Grupo 3 Corações? Quais são as unidades produtivas, suas localizações e os sistemas técnicos que permitem seu funcionamento? Que outros casos de circuitos espaciais produtivos podem ser estudados como “exemplos” no Brasil? Como se deu o processo recente de internacionalização e complexificação do grupo empresarial 3corações?

O Grupo 3corações é uma *joint venture* formada em 2005 pela fusão da Holding São Miguel (brasileira) e a israelense Strauss. A primeira firma é detentora do Grupo Santa Clara, criado em 1988 no Rio Grande do Norte pelos filhos do fundador da empresa Santa Clara (1959). Após incorporar outras empresas do setor cafeeiro, o grupo Santa Clara liderou a

produção e o comércio de café torrado e moído nas regiões Norte e Nordeste desde o ano de 2002. Em 2003, ao adquirir a marca Pimpinela (torrefadora com sede e atuação no Rio de Janeiro), a Santa Clara expandiu sua atuação para o Sudeste. Em 2010, e após a fusão com o grupo israelense, as empresas do Grupo 3corações se tornaram líderes no mercado nacional de café torrado e moído, encabeçadas pela marca nacional 3 Corações, responsável também pela exportação de cafés especiais prontos para consumo. Em 2020, as marcas produtoras de café torrado e moído que integram o Grupo 3corações representavam 70% do faturamento da empresa. Cabe destacar – como veremos mais detalhadamente no item 3.2 desta monografia – que o *Grupo 3corações* (de capital originalmente nordestino) se origina no ano de 2005, com a incorporação da empresa mineira “homônima” *3 Corações*, também atuante no ramo de produção e comércio de café, e pertencente ao grupo Strauss desde 2000.

Esse breve resgate histórico do crescimento e expansão das empresas do grupo nos inquietou para a complexidade dessa rede de produção e distribuição formada desde 1959, e hoje transnacionalizada. Ricardo Mendes Antas Júnior (2017) nos orienta como investigar a relação entre esses eventos no espaço geográfico, a partir do arcabouço metodológico adotado nesta pesquisa:

Assim, o circuito espacial produtivo pode ser compreendido como uma expressão histórica da rede, formada por sistemas de objetos técnicos que estão tanto fixados em várias formações socioespaciais, como, por meio dos fluxos globais que são capazes de gerar, estabelecem nexos relacionais entre diferentes regiões produtivas e especializadas [...]. Esse relacional que se constela é uma forma do mundo que se estabelece. (ANTAS Jr., 2017, p.253)

Os conceitos de circuito espacial produtivo e de círculos de cooperação no espaço são usados para entender o funcionamento de um território por meio da dinâmica das infraestruturas, sistemas técnicos, agentes e fluxos que o percorrem, a fim de identificar a situação desse território em relação a uma determinada divisão territorial do trabalho. O foco sobre a circulação de bens materiais e imateriais é central no conceito de circuito espacial produtivo, pois nos permite entender o território em movimento e em suas articulações com outros territórios. Portanto, um circuito é formado por uma série de articulações entre fixos e fluxos que se organizam sob uma determinada divisão territorial do trabalho, sendo que esta divisão é hierarquizada de acordo com a capacidade dos agentes econômicos que integram o circuito de criar e movimentar fluxos materiais e informacionais.

De acordo com Milton Santos e Maria Laura Silveira (2001), os fluxos no mundo moderno são, sobretudo, fluxos imateriais comandados pela inteligência do capital e organizados pelos círculos de cooperação no espaço. Nesse sentido, o conceito de círculo de

cooperação no espaço nos orienta a compreender a comunicação entre os centros de comando – provedores das trocas de informações e do estabelecimento de decisões, normas e financiamentos entre empresas – e as demais atividades de um circuito; e a localizar os agentes responsáveis por aplicar ou fiscalizar as normativas que envolvem tais atividades. Conforme Castillo e Frederico (2010, p. 464), o uso concomitante desses conceitos permite “verificar a interdependência dos espaços produtivos captando a unidade e a circularidade do movimento”.

Neste contexto, o primeiro capítulo discute a importância do estudo da cafeicultura para a compreensão do território brasileiro, e com base na periodização da economia do café realizada por Samuel Frederico (2017), apresentamos a refuncionalização do Brasil na produção mundial deste grão, considerando os novos atores globais. Tomamos o período de 1970 até os dias atuais como recorte temporal, para discutir as transformações territoriais da cafeicultura ocorridas em função das estratégias adotadas pelo Estado brasileiro e pela normatização internacional.

No segundo capítulo, apresentamos as perspectivas de alguns dos principais autores que definem os conceitos de circuito espacial de produção e círculos de cooperação no espaço no Brasil, e executamos a pesquisa bibliográfica a fim de compreender a operacionalização dos conceitos de circuito espacial produtivo em pesquisas recentes. A maioria dos artigos selecionados tratam de temas diferentes do que o da agroindústria, sendo eles: o complexo industrial da saúde no Brasil, por Ricardo Mendes (2017); o circuito espacial do petróleo em Macaé, por Silvana Cristina da Silva (2019); o circuito espacial da Nestlé no Brasil, por Denise Bomtempo (2012); e o circuito da tilapicultura no oeste e norte paranaense, por Maico Eduardo Dias Dias e Edilson Luis de Oliveira (2022).

No terceiro capítulo, investigamos as transformações espaciais da 3orações, destacando os processos de crescimento da empresa, pelos seus projetos de expansão de unidades fabris, pelas aquisições de empresas nacionais e pelas fusões com empresas transnacionais e nacionais. Destacamos a forma da internacionalização da empresa por meio dos seguintes processos: sua adequação ao movimento global de sustentabilidade; pela diversificação da produção, com a linha de cafés especiais para exportação; e pela introdução da linha de produtos saudáveis, ambos exemplos de modernização da indústria alimentícia.

A execução da pesquisa nos remeteu a uma série de dificuldades, algumas delas também elencadas por Frederico (2014); este autor também mostra que não é simples a operacionalização dos conceitos que adotou em seu estudo, assim como a busca/tabulação de informações empíricas sobre os circuitos. Os circuitos no mundo globalizado tomam dimensões complexas, e por isso, “quando se trata da análise de produtos destinados à exportação, as etapas

finais do circuito realizadas em outros países são, na maioria das vezes, negligenciadas”; e devido à escassez de dados abertos sobre a atividade das empresas, nós confrontamos também em nossa investigação uma “dificuldade em identificar a escala geográfica de ação dos diferentes agentes envolvidos no circuito produtivo e o papel ativo do espaço geográfico no condicionamento de sua extensão” (FREDERICO, 2014, p.39). Apesar destas limitações, acreditamos que neste terceiro capítulo foi possível explicitar um conjunto significativo de informações mais empíricas, sobre elementos importantes do funcionamento do circuito espacial e dos círculos de cooperação do Grupo 3corações no território brasileiro.

## **Capítulo 1 - A evolução recente dos circuitos espaciais do café no território brasileiro e sua internacionalização**

### **1.1 A periodização da cafeicultura brasileira**

Baseado em Santos e Silveira (2001), a proposta de periodização da cafeicultura brasileira de Samuel Frederico (2017) compreende a economia cafeeira como um importante agente das transformações técnicas e políticas do território nacional. Assim, a divisão dos períodos é baseada principalmente na identificação dos objetos técnicos presentes no território brasileiro que fizeram parte da economia cafeeira numa determinada época. Segundo ainda outros dois estudiosos do tema, o ideal é deslocar o eixo das tradicionais periodizações da cafeicultura, feitas a partir da análise da economia política da cafeicultura, para a análise do território da cafeicultura e de seus usos:

“A evolução da cafeicultura brasileira, a partir de uma perspectiva geográfica, deve ser pensada paralelamente às mudanças no uso, organização e regulação do território brasileiro, ou seja, como a quantidade, a qualidade, a distribuição, a articulação, o uso e a normatização dos sistemas técnicos presentes no território autorizam e condicionam as ações (RAMOS; CASTILLO, 2010, p. 74).”

Neste sentido, Frederico (2017) divide a história da cafeicultura brasileira a partir da sucessão dos meios geográficos no Brasil:

- Período dos Primórdios da Cafeicultura e o Meio Natural, do fim do século XVIII até 1870-80.
- Período da Mecanização da Cafeicultura e o Meio Técnico, do final do século XIX até 1950-60.
- Período da Cientificação da Cafeicultura e Meio Técnico-científico, de 1970 a 1990
- Período da Cafeicultura Científica Globalizada e o Meio-Técnico-Científico-Informacional, de 1990 aos dias atuais.

A partir deste quadro espaço-temporal mais geral, o recorte analítico deste trabalho se dará sobre o circuito espacial do grupo empresarial 3corações, originada no Rio Grande do Norte em 1959. Por isso, não demoraremos na discussão dos dois primeiros períodos apresentados por Frederico (2017), e focamos nossa investigação nestes que seriam o terceiro e quarto período identificados na literatura, interessantes para fomentar a nossa discussão sobre a atual maior empresa de produção de cafés torrados e moídos do Brasil.

A cafeicultura foi a atividade econômica responsável pela geração de divisas que impulsionou a industrialização brasileira sob modelo de substituição de importações a partir de 1930. Antes disso, a economia cafeeira estimulou a instalação de objetos técnicos robustos de infraestrutura de transportes e de comunicações que faziam ligações entre os efervescentes centros urbanos e cidades do interior, principalmente no Sudeste brasileiro. Ainda nas décadas de 1950-60, as decisões políticas internas à economia cafeeira não se distinguiram do planejamento econômico e da política nacional, devido à importância do café para a saúde financeira do Brasil (FREDERICO, 2017).

A produção de café se concentrou no oeste paulista e no norte paranaense até o fim do segundo Período (1960). As transformações fomentadas pela Revolução Verde e pelas novas normas nacionais e internacionais sobre a produção cafeeira, além de transformações técnicas e normativas, provocaram uma mudança territorial da área plantada de café no Brasil, que foi gradualmente deslocada de São Paulo e Paraná para o Sul de Minas Gerais e Cerrado mineiro.

Na década de 1970 o Brasil passou pelo processo de tecnificação e cientificação do território e dos seus usos. Na economia do café, até então o principal produto de exportação do Brasil, as mudanças técnicas internas e as mudanças infraestruturais chamadas de macrossistemas técnicos (rodovias, portos e infraestrutura urbana) também causaram transformações. O Estado via uma importância na economia cafeeira e tinha um importante papel sobre as decisões políticas relacionadas ao setor:

“A dependência com relação à economia cafeeira levou o Estado a patrocinar uma política de modernização e racionalização da cafeicultura, com o intuito de aumentar a produtividade, a despeito das sucessivas superproduções, recorrentes desde o início do século XX (Bacha, 1988; Saes, 1995 *apud* FREDERICO, 2017, p. 85)

O papel tradicional do Estado brasileiro sobre a cafeicultura era de assegurar a rentabilidade da produção aos grandes produtores de café verde, controlando preços e estoques nacionais. Contudo, a partir de 1952, com a criação do Instituto Brasileiro do Café (IBC), e dos Acordos Internacionais do Café - efetivos entre 1962 a 1989 - esse papel mudou. Após a institucionalização das normas nacionais e internacionais sobre produção de café, o Estado brasileiro assumiu o papel de planejador e coordenador do circuito produtivo do café sob o viés tecnológico-produtivista (FREDERICO, 2017).

Uma ação importante do Instituto Brasileiro do Café (doravante, IBC) foi a criação do Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura (Gerca), em 1960, que executou Plano de Renovação e Revigoração dos Cafezais (PRRC) com o objetivo de reestruturar tecnicamente os cafezais brasileiros sob o paradigma da Revolução Verde. O Plano de Renovação e

Revigoração dos Cafezais (doravante, PRRC) promoveu a substituição das mudas de café plantadas pelas novas culturas tecnológicas, para que a produção suportasse o uso de insumos químicos e da mecanização. O IBC também atuava sobre o controle de preços do café em toda sua cadeia produtiva - da matéria-prima ao produto final - e estimulou à incipiente indústria brasileira de cafés solúveis, criada em 1960, como uma forma de aproveitar os grãos que eram desprezados nas torrefadoras (FREDERICO, 2017).

Para executar tais projetos, foi necessário aprofundar o alcance e a participação do círculo de cooperação do café nas decisões sobre o espaço brasileiro, representado pela expansão da participação das universidades brasileiras e de empresas multinacionais na produção do café brasileiro. Por exemplo, o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) atuou na elaboração dos novos cultivares de alto rendimento introduzidos após 1970, chamados Novo Mundo e Catuaí, com o financiamento de gigantes corporações ligadas à produção energética global, como Shell Mex, Standard Oil, Fundação Rockefeller (FREDERICO, 2017).

Assim, podemos dizer que a criação do Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura (Gerca) anexou a indústria de química fina e outras empresas transnacionais ao circuito produtivo do café através da concessão de crédito aos produtores rurais que utilizassem os produtos químicos e os novos cultivares de alto rendimento. Segundo Frederico (2017, p. 86):

“No início da década de 1960, praticamente nenhuma região produtora utilizava adubação química ou agrotóxicos; em 1980, a adubação era realizada em mais de 90% da área plantada dos estados de Minas Gerais e São Paulo e os agrotóxicos eram empregados em pelo menos 60% da área plantada dos principais estados produtores, alcançando 84% no estado de Minas Gerais.”

Conforme mencionado, o Período da Cientificação da Agricultura e o Meio Técnico-Científico-Informacional (1970-90) disparou uma série de transformações no território brasileiro, provocadas pela modernização da cafeicultura. A literatura que analisamos destaca principalmente as transformações nos seguintes sistemas técnicos/organizacionais: modais de transporte; modais de comunicação; estratégia financeira; participação de órgãos estatais; participação de empresas multinacionais estrangeiras; relações de trabalho; introdução de tecnologias produtivas; introdução de normas internacionais. Todas essas mudanças são também reorganizadoras da divisão territorial do trabalho no Brasil.

Antes disso, as relações de trabalho herdadas da produção agrícola do final do século XIX, de “colonato” e mão de obra imigrante, já cederam à mão de obra assalariada de trabalhadores permanentes e, principalmente, por trabalhadores temporários. Em 1963, O

Estatuto do Trabalhador Rural equiparou o trabalhador urbano ao do campo. E após a década de 1970, a tecnologia causa mudanças no circuito. À medida que a produção se torna descontínua, o trabalhador não é necessário constantemente nos cafezais, ao lado da nova legislação trabalhista que elevou os custos com mão de obra na cafeicultura (FREDERICO, 2017).

O planejamento do Estado promoveu um alto crescimento da produtividade do café, com a introdução de novas técnicas de cultivo engendradas pela ciência. Na ponta do consumo, o mercado brasileiro passou a ser o segundo maior, apenas atrás dos Estados Unidos. Internacionalmente, o mercado de café mudou devido ao aumento da produtividade de novos concorrentes, como Colômbia e Indonésia. Internamente, o peso das exportações de café sofreu uma drástica queda em relação ao total das exportações brasileiras: caíram de 56%, em 1960, para 5%, em 1990, o que provocou o início da política de redução de exportações acompanhada da valorização do café nacional (FREDERICO, 2017).

O território brasileiro passou por transformações estruturais que promoveram a diversificação da produção industrial. Por exemplo, após a revolução dos transportes brasileira nas décadas de 1950-60, as ferrovias foram gradativamente substituídas pelo modal rodoviário, e o caminhão passou a ser o principal meio de transporte do café. Com tais mudanças, o município de Santos continuou sendo o lugar mais importante para o escoamento da produção de café paulista, paranaense e do Sul de Minas Gerais, devido ao porto de Santos, de importância histórica para a cafeicultura. Mas, apesar de manter-se central, como cidade portuária, Santos perde a centralidade financeira quando, em 1970, o órgão regulador do mercado cafeeiro é transferido da Bolsa Oficial do Café, em Santos, para a Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM & F), em São Paulo (FREDERICO, 2017).

A cafeicultura desempenhou um papel fundamental para a consolidação de São Paulo como uma centralidade urbana de maior densidade técnica a nível nacional. Segundo o autor, o café desempenhou um papel de indutor do aumento da densidade técnica do território paulista, ainda que após a década de 1970 o tenha café perdido espaço para outras monoculturas tecnológicas, que foram mais lucrativas e menos custosas, e que se adequaram às novas demandas do comércio internacional, como a soja, a laranja e a cana-de-açúcar. Minas Gerais passou a ser o produtor líder de café, ocupando o Sul e o cerrado mineiro com cultivos do grão arábica (FREDERICO, 2017).

O período da Cientificação da Cafeicultura e Meio Técnico-científico se encerra no final da década de 80 a partir da difusão da ideologia neoliberal na política brasileira. Como política

econômica hegemônica, o neoliberalismo abre o período da cafeicultura científica globalizada, baseada, segundo o Frederico (2014, p. 91), pela:

“eficiência produtiva, com redução de custos, aumento da produtividade e racionalização do uso de agrotóxicos; na diferenciação qualitativa (cafés especiais); no uso do marketing (atrelado principalmente ao discurso da “sustentabilidade”); e na inserção competitiva nos mercados internacionais.”

Globalmente, as políticas neoliberais causaram as seguintes transformações no setor cafeeiro: queda dos preços internacionais; transferência do controle e regulação dos estoques dos Estados produtores para as empresas torrefadoras transnacionais dos países importadores; estímulo do discurso da sustentabilidade; valorização dos cafés especiais (FREDERICO, 2014). Retomaremos o último aspecto no Capítulo 3, quando discutirmos a expansão do circuito espacial produtivo e do círculo de cooperação das 3 corações entre 2005 e os dias atuais. A partir desse conjunto de características, é certo dizer que a cafeicultura brasileira absorveu a forma produtiva da produção científica globalizada, caracterizada pela adoção de tecnologias da informação ao processo produtivo, pela diminuição da intervenção estatal na política econômica cafeeira e pelo aumento da participação das grandes torrefadoras sediadas nos países centrais.

Os circuitos produtivos e os círculos de cooperação da cafeicultura brasileira ganharam novos contornos com as extinções dos Acordos Internacionais do Café, em 1989, e a extinção do Instituto Brasileiro do Café (IBC), em 1990. Do ponto de vista do circuito espacial, há aquecimento do consumo, com a abertura de empresas multinacionais de cafés especiais e bares cafeteria. Frederico (2014) chama a desregulamentação sobre o setor cafeeiro como sendo uma “regulamentação corporativa”, pois, com o fim dos Acordos Internacionais do Café, os países importadores e donos das maiores empresas de torrefação passaram a deter a maior parte do lucro gerado na cadeia produtiva do café:

“Contudo, a relação se alterou drasticamente com o fim dos AIC, em 1989. A denominada “desregulamentação” do mercado cafeeiro – que foi na verdade uma nova forma de “regulação corporativa” –, fez com que o percentual da renda total do café apropriado pelos países importadores aumentasse para 75%, enquanto a participação dos cafeicultores caiu para apenas 13%, entre 1989 e 2000” (Saes, 1995 *apud* FREDERICO, 2017, p.87)

A introdução das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) no Brasil alteraram a hierarquia e a autonomia das regiões produtoras, o que alterou a divisão territorial do trabalho, com o aumento dos fluxos informacionais controlados na lógica do uso do território brasileiro. As demandas promoveram a substituição das iniciativas do IBC pela ação de organizações públicas e privadas, que estimularam por sua vez a introdução de técnicas mais modernas nos circuitos, como o controle remoto das produções. Dentre estas novas organizações, podem ser

destacadas o Consórcio Pesquisa Café (CPC), órgão gerenciado pela Embrapa-Café (1999), novos agentes financiadores e pesquisadores de café no Brasil.

O novo paradigma produtivo aprofunda as diferenças regionais entre as produções de café e cria novas especializações produtivas. Esse processo é capturado pelas empresas torrefadoras apoiadas pelos institutos de pesquisa para a criação de novos produtos, que passam a também se diferenciar em sabor e em características especiais ligadas a zona geográfica da produção. O local de difusão mais ampliada da cafeicultura científica globalizada foi o oeste da Bahia, a partir de 1990, como a área de maior densidade técnica: presença de grandes empresas produtoras, irrigação, grande propriedade, alta mecanização, trabalho altamente qualificado. Esse modelo produtivo provoca mudanças em outras regiões devido à competitividade (FREDERICO, 2017).

Há uma diversidade de tipos de produção cafeeira no Brasil, resultantes das heranças das múltiplas divisões territoriais do trabalho que convivem no território brasileiro. Sendo assim, não é correto afirmar que a mudança de período extingue as características produtivas do período anterior. Do ponto de vista do comportamento territorial, podemos entender que as áreas que apresentam menos rugosidades são mais adaptáveis às transformações de cada período. Isso demonstra “o papel ativo do espaço geográfico ao facilitar ou dificultar a difusão do novo, dependendo da qualidade e do acúmulo de divisões do trabalho pretéritas” (FREDERICO, 2017, p.96).

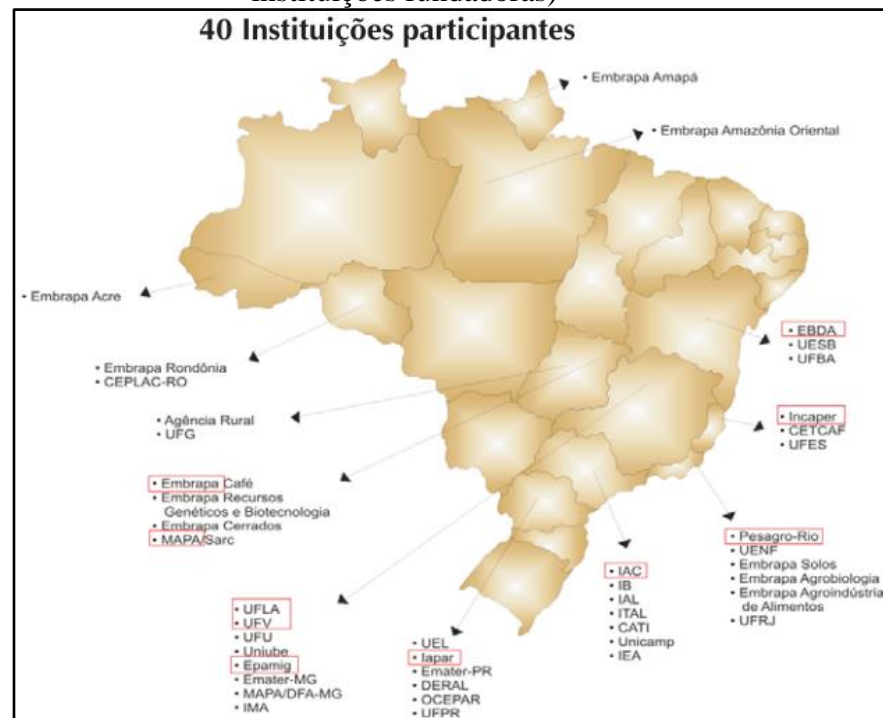
## **1.2 A criação do Consórcio Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento do Café e do Plano de Desenvolvimento do Café**

A criação do Consórcio Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento do Café (Consórcio Pesquisa Café), órgão coordenado pela Embrapa-Café, foi ratificada pelo Termo de Constituição de 1997 e aprovado pelas empresas estaduais de pesquisa agropecuária dos estados produtores de café, por institutos agrônômicos e pelas Universidades mineiras de Lavras e Viçosa. O objetivo dos consorciados é desenvolver e difundir tecnologia e articular os órgãos de pesquisa e desenvolvimento para a cafeicultura e as Unidades Descentralizadas da Embrapa, e executar o chamado Programa Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento do Café (PNP & D/Café), iniciado também em 1997. (RUFINO, 2006)

Em 2020 o Consórcio produziu um documento chamado Evolução da cafeicultura brasileira nas últimas duas décadas. O documento indica o êxito das atividades do Consórcio ao comparar os números da produção de café no Brasil no ano de 1997, da criação do órgão, ao ano de 2020. Em 1997, haviam 2,4 milhões de hectares destinados à produção de 18,9 milhões

de sacas de café 60 kg, com produtividade de 8,0 sacas/hectare. Em 2020, houve redução da área plantada para 1,88 milhão de hectares, e o país deverá produzir 61,6 milhões de sacas de 60 kg em 2020, com produtividade de 32,7 sacas/ha. (Consórcio Pesquisa Café, 2019)

Figura 1 - Instituições participantes do Consórcio Pesquisa Café (com destaque para as instituições fundadoras)



Fonte: Rufino, J.L.S., 2006

### 1.3 O jogo de escalas do circuito espacial do café

No artigo Circuito Espacial Produtivo do Café e o Jogo de Escalas, Samuel Frederico (2014) aprofunda a análise sobre Período da Cafeicultura Científica Globalizada, discutindo as relações de poder entre os agentes que movimentam o circuito espacial produtivo do café e das suas respectivas escalas de ação. A globalização transformou a dinâmica dos circuitos espaciais e dos círculos de cooperação da produção industrial pelo mundo, ao mesmo tempo que os fluxos econômicos materiais e imateriais têm se multiplicado em escala global.

Alterações como a especialização produtiva dos lugares, a dispersão das atividades produtivas, o distanciamento entre produção e consumo e a articulação complexa entre etapas de produção são as principais formas geradas pela globalização, induzidas pelas transformações técnicas e político-normativas. Em função de tais transformações há uma redefinição da hierarquia espacial da produção, causada pela maior proximidade organizacional. Nas palavras do autor:

“Se por um lado as diversas etapas da produção tornaram-se cada vez mais dispersas no espaço, por outro, estão cada vez mais articuladas pelas políticas das empresas, sobretudo, das grandes, o que evidencia a centralidade dos fluxos materiais e imateriais (circulação e comunicação) na análise geográfica” (FREDERICO, 2014, p.39)

No artigo, Frederico constrói um raciocínio que nos orienta metodologicamente para a operacionalização dos conceitos de circuito espacial produtivo e de círculo de cooperação no espaço. É fundamental observar o jogo das escalas produzido pelos agentes políticos econômicos no mundo globalizado. Isso significa que não devemos encerrar a análise de um circuito espacial abordando somente suas dinâmicas locais, e sim nos ater à constante articulação entre as decisões globais e seus impactos locais e regionais, assim como sobre as decisões locais e seus impactos globais, para revelar as centralidades dos territórios com maior densidade técnica e com maiores postos nas hierarquias espaciais.

Nesse sentido, é importante debater o sentido de escala geográfica adotado por Samuel no seu estudo sobre circuitos espaciais. Conforme Frederico (2014), é preciso superar a perspectiva geométrica de escala e construir uma escala propriamente geográfica. A escala não é apenas uma escolha metodológica, mas é um campo de conflitos e de superação entre agentes políticos e econômicos (SMITH, 2004). Silveira (2004, p.89 *apud* Frederico, 2014, p. 40) refina a última acepção de escala da seguinte forma: “se queremos ir além de uma geometria do espaço, representada apenas pela forma, tamanho e desenho, devemos incorporar a dimensão temporal em nossas análises, isto é, o tempo de ação dos agentes e de efetivação dos eventos.”

Essa abordagem de escala é fundamental para a compreensão das alterações técnicas e políticas ocorridas na cafeicultura brasileira a partir das transformações introduzidas pelo meio técnico-científico-informacional, porque permite a combinação da escala geográfica com os conceitos de circuito espacial produtivo e círculo de cooperação no espaço. A escala se torna um instrumento de análise para entender a efetividade e a extensão das ações tomadas por agentes políticos e econômicos, que se desdobram no tempo – e num intervalo de tempo – e no espaço, e, assim, definem seus limites escalares.

Conforme mencionado, a estratégia de Frederico (2014) para o mapeamento do circuito espacial da produção global de café parte da identificação dos objetos técnicos e das instituições presentes em cada uma das etapas do circuito, da produção ao consumo. As etapas do circuito relacionadas à produção do grão verde são majoritariamente realizadas em países periféricos e semiperiféricos, como Brasil, Vietnã e Colômbia, e suas atividades e atores econômicos podem ser esquematicamente identificados a partir dos seguintes elementos: 1. o fornecimento de insumos de produção; 2. o crédito agrícola; 3. a assistência técnica de máquinas; os próprios

cafeicultores; 4. e os intermediários responsáveis pelo rebeneficiamento e comercialização do café (cooperativas, corretores e *tradings*). No consumo, concentrado em países centrais, como EUA e Alemanha, estão as empresas importadoras, as empresas torrefadoras (grandes ou pequenos torrefadores de cafés especiais), os distribuidores, os varejistas e a maior parte do mercado consumidor.

Chegamos a formulação das etapas de um circuito genérico para a produção de café, conforme diz Frederico (2014, p. 6): “para podermos desfrutar o prazer de beber um bom café, este precisa ser cultivado, colhido, beneficiado, transportado, torrado, moído e colocado dentro de nossa xícara”. O primeiro beneficiamento, que consiste na retirada da casca e na secagem do grão, é seguido pelo rebeneficiamento, que escolhe os grãos pretendidos para determinada qualidade de café. O processo de rebeneficiamento agrega valor ao produto, pois classifica o café de acordo com critérios técnicos e especializados. Segundo ainda Frederico (2014), esse procedimento é geralmente feito por empresas *tradings* e corretoras, e isso implica numa perda de remuneração para o produtor de café, que não possui profissionais para esse serviço.

A próxima etapa é a negociação entre produtores, ou cooperativas que já possuem o café rebeneficiado, e as torrefadoras. Nesse caso, apesar de o Brasil ser o maior produtor de café e o segundo maior mercado consumidor mundial do produto, Frederico (2014) nos mostra que a extensão das ações da maioria dos produtores, cooperativas e corretoras se dá em escala local ou regional. Portanto, a maioria dos pequenos produtores negocia o café verde com torrefadoras nacionais, acarretando valores menores de remuneração para estas primeiras empresas, ligadas às etapas “iniciais” do circuito.

A tendência de desvalorização do produtor nacional se deu a partir dos anos 1990, com a desregulamentação do mercado internacional do café causada pelo fim dos Acordos Internacionais do Café (AIC). Sem os acordos, os Estados passaram a não decidir a política econômica de controle sobre os estoques de café, que passaram para o controle das torrefadoras sediadas nos países que, no fundo, controlam os circuitos: EUA, Alemanha e Itália. A desregulamentação aumentou a concentração de capital nas últimas etapas do circuito espacial do café, beneficiando as *tradings* e bares que vendem cafés especiais com serviços de baristas qualificados. Os produtores, portanto, são os elementos mais vulneráveis no circuito, pois não têm controle ou mesmo informações sobre os movimentos do mercado consumidor final, muito menos da lógica financeira que o movimenta.

## **Capítulo 2 - Os circuitos espaciais de produção e os círculos de cooperação no espaço: exemplos para o caso brasileiro**

Na revisão bibliográfica que executamos para esta investigação, selecionamos alguns artigos que nos ajudaram a entender melhor as bases teóricas do conceito de *circuito espacial de produção*, assim como as formas concretas que alguns destes circuitos tomaram no território brasileiro. Resgatamos neste capítulo, portanto, trabalhos que trataram de circuitos de empresas ligadas à indústria de alimentos, um que aborda a indústria da saúde no Brasil e um artigo que analisa o circuito da produção energética brasileira. O objetivo das leituras é compreender as etapas e estratégias da operacionalização dos circuitos espaciais e círculos de cooperação. Neste caso, as diferenças temáticas entre os artigos não implicam em diferentes abordagens conceituais e metodológicas, visto que os olhares para o território são coadunados, e praticamente todos eles atentam para algumas dificuldades de pesquisa que nós também encontramos em nossa trajetória.

Os autores concluíram que as dinâmicas econômicas globais aceleraram os processos de uso corporativo do território pelas empresas de um determinado setor. Através da seletividade espacial – sustentada pelos objetos técnicos presentes nos territórios – as empresas determinam os lugares do fazer e do gerir, de acordo com suas estratégias globais para a acumulação de capital. Ao estabelecer sedes regionais em países semiperiféricos e periféricos, é possível alcançar mercados locais, além de baratear custos de produção.

O circuito espacial produtivo e os círculos de cooperação no espaço são conceitos que iluminam o papel do território na realização de uma cadeia produtiva, e sobre a coordenação dos agentes econômicos na transformação do território. Em todos os casos estudados, as grandes empresas transnacionais não apenas se valem dos fixos pré-existentes nos territórios, mas também conduzem mudanças de acordo com as suas estratégias, o que implica em agir politicamente nos países que sediam suas filiais.

Em consonância às dificuldades da operacionalização dos conceitos de circuito e círculo espacial elencadas por Samuel Frederico (2014), vimos que os artigos demonstram dificuldades para delimitar o circuito nas suas etapas finais de distribuição, exportação e consumo (local ou internacional), sendo a falta de acesso a informações a principal razão; ou que, por decisão do pesquisador, parte do circuito não é investigada, porque há maior interesse na relação entre a formação socioespacial e o desenvolvimento de um circuito econômico, do que na capilarização da atividade econômica estudada.

Segundo Moraes (1985, p.185 *apud* CASTILLO; FREDERICO, 2010, p. 463), analisar os circuitos espaciais de produção implica em “discutir a espacialização da produção-

distribuição-troca-consumo como movimento circular constante”, para, assim, “captar seus elementos determinantes e dar conta da essência de seu movimento” (SANTOS, 1985, p.4). O movimento citado por Santos (1985) diz respeito à fluidez com que circulam mercadorias, ideias, ordens, excedentes e informação, intensificando a divisão do trabalho em uma dada especialização produtiva. Em Castillo e Frederico (2010), entendemos que a formação de círculos de cooperação é importante para a fluidez da comunicação entre as partes das empresas, o que garante articulação, organização e a consolidação de contextos de uma atividade produtiva nas diversas escalas geográficas produzidas e movimentadas pelas firmas e governos.

Ricardo Mendes Antas Jr. (2017) nos explica como Milton Santos verifica o surgimento dos circuitos espaciais de produção em substituição aos anteriores circuitos regionais de produção. O processo de globalização e a fragmentação da produção desfizeram gradualmente os circuitos produtivos regionais através da integração dos circuitos produtivos em escala global, configurando novas divisões territoriais do trabalho que não se restringem à escala regional, devido à necessidade de acumulação ter tomado este caráter global. Sendo assim, o conceito de circuito espacial produtivo compreende a fragmentação da produção em escala global, e abarca o uso corporativo – e simultâneo – de territórios sob a coordenação das empresas transnacionais.

Por sua vez, Antas Jr. (2017) aponta duas características importantes da dispersão global da produção: a transnacionalização dos insumos, e o pluralismo jurídico contemporâneo. Ambas dizem respeito às novas dinâmicas produzidas pela simultaneidade da lógica produtiva. A primeira se relaciona com as transformações socioespaciais demandadas pelas corporações para que se dê a fluidez entre etapas produtivas; a segunda é relativa à capacidade das empresas de normatizar suas atividades em territórios diversos pelo globo, o que ocorre num ritmo mais acelerado do que a própria capacidade do Estado em legislar sobre tais atividades econômicas, sejam elas industriais ou não.

## **2.1 O circuito espacial do complexo industrial da saúde no Brasil**

Ricardo Mendes Antas Jr. (2017) analisa o complexo industrial da saúde no território brasileiro utilizando o conceito de circuito espacial produtivo. O autor entende que, desde 1950, estrutura-se um complexo médico-industrial da saúde no Brasil, até se configurar, atualmente, um complexo industrial da saúde transnacionalizado e de grande importância, conforme indicado pelo crescimento de 91% entre 1998 e 2007 do número de unidades industriais de Equipamentos Médicos, Hospitalares e Odontológicos (EMHO).

Na esteira da urbanização brasileira e do aumento da demanda por serviços de saúde nos centros urbanos, o autor compreende a saúde enquanto um bem de direito universal do cidadão garantido pela Constituição de 1988, a fim de investigar os impactos da ampliação desse direito no território brasileiro sobre a indústria da saúde. De antemão, apontamos que grande parte dessa ampliação se deve às políticas públicas de expansão do Sistema Único de Saúde (SUS).

A infraestrutura de serviços de saúde no Brasil pode ser dividida, segundo sua oferta à população, da seguinte maneira: Estado e empresas públicas; empresas e corporações industriais da saúde; e corporação médica. É importante considerar que em todas as esferas de oferta e de atuação, a atividade de saúde é uma grande produtora e consumidora de ciência e de tecnologia. Conseqüentemente, do ponto de vista territorial, a saúde cria especializações produtivas e novas divisões territoriais do trabalho dinamizadas pela oferta e demanda de serviços médicos especializados.

Na investigação dos circuitos espaciais de produção, Antas Jr (2017) nos alerta que a saúde deve ser entendida em três aspectos: como direito, como bem econômico e como campo de acumulação de capital. Assim, podemos distinguir os efeitos das transformações desse setor econômico, seus desdobramentos e suas novas necessidades enquanto política social, econômica e industrial. Ainda assim, essa divisão analítica estará incompleta caso não consideremos o território como uma quarta dimensão da economia política da saúde.

Nesse sentido, o estudo do território revela que o processo de urbanização é o condutor da transformação da saúde, de um bem econômico comercializado pelos profissionais da saúde, a um complexo diversificado de grandes empresas de saúde, de planos de saúde e de seguros. A consolidação de um novo sistema técnico-científico – altamente dependente de tecnologia – é a forma concreta atingida pela modernização dessa indústria.

As unidades federativas que centralizam as produções industriais de alto valor agregado e que, portanto, configuram lugares de especialização produtiva, são: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina e Paraná. E suas principais características são: a concentração de fluxos altamente globalizados; a alta dependência de importações de insumos e equipamentos; a alta demanda por inovações tecnológicas e desenvolvimento científico; e a concentração de mão de obra qualificada (ANTAS JR, 2017).

A partir da leitura de Antas Jr. (2017), entende-se que as perspectivas conceituais de circuito espacial e de círculo de cooperação no espaço são importantes para a investigação de setores econômicos altamente globalizados, dispersos nos diferentes continentes e, ao mesmo tempo, articulados pelos círculos de cooperação. No complexo industrial da saúde, a função dos

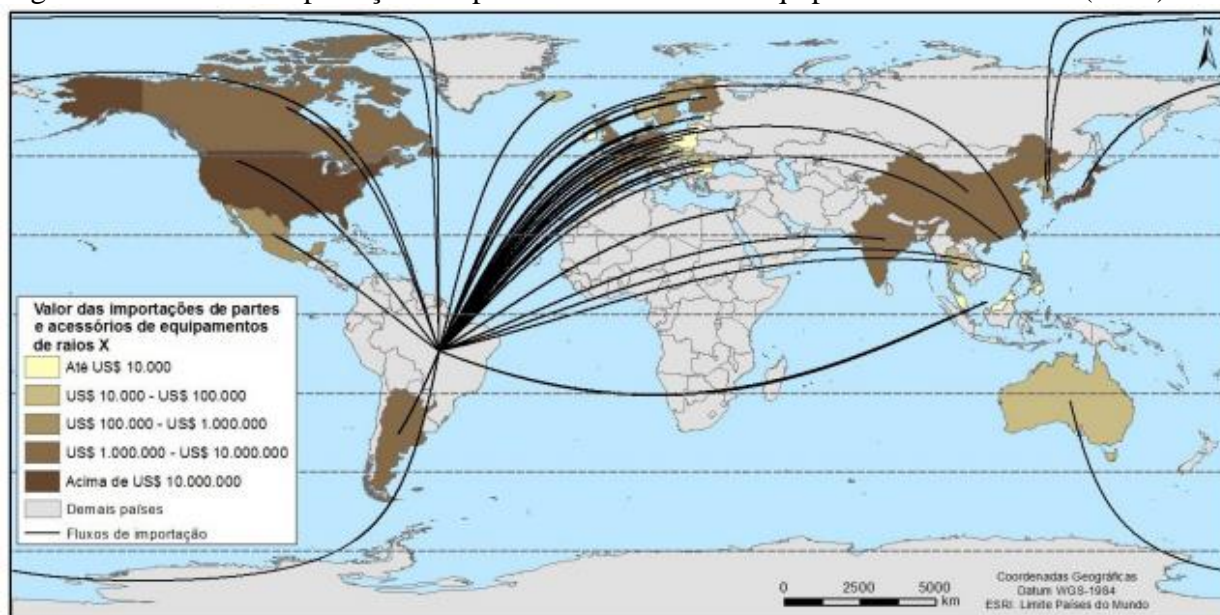
círculos de cooperação no espaço se realiza principalmente ao viabilizar as necessidades de inovação – característica da indústria da saúde – à articulação entre agentes produtivos em função da logística de produção e de distribuição. Nesse caso, a noção de solidariedade organizacional se destaca, sendo justamente a cooperação entre os “pontos” do circuito; esta cooperação é algo sensível para o setor, sendo também ela que permite o compartilhamento de tecnologia entre empresas, universidades e profissionais da saúde, condições para a acumulação de capital.

Sendo tais redes tão importantes, podemos dividir os circuitos espaciais produtivos da indústria da saúde segundo a especificidade tecnológica que cada grupo econômico envolvido controla. Os maiores setores da indústria da saúde são: o farmacêutico, o de diagnósticos por imagem, o dos reagentes para diagnóstico e o de vacinas. E as maiores empresas participantes são: Bayer, General Electric, Siemens, Abbott, Roche e Johnson & Johnson. Além das gigantes transnacionais, o circuito brasileiro também é formado por médias e pequenas empresas nacionais. O autor explica o dinamismo da produção, considerando sua transnacionalidade, da seguinte maneira:

Pelos circuitos espaciais produtivos são operados intensos fluxos de exportação e importação de insumos que tem uma continuidade na divisão territorial do trabalho dentro da formação socioespacial importadora e que poderá, ainda, processar industrialmente esse insumo, agregar valor e exportar o novo insumo resultante, porém ainda não acabado, configurando uma divisão territorial do trabalho transnacional e extremamente fragmentada. (ANTAS JR., 2017, p.247)

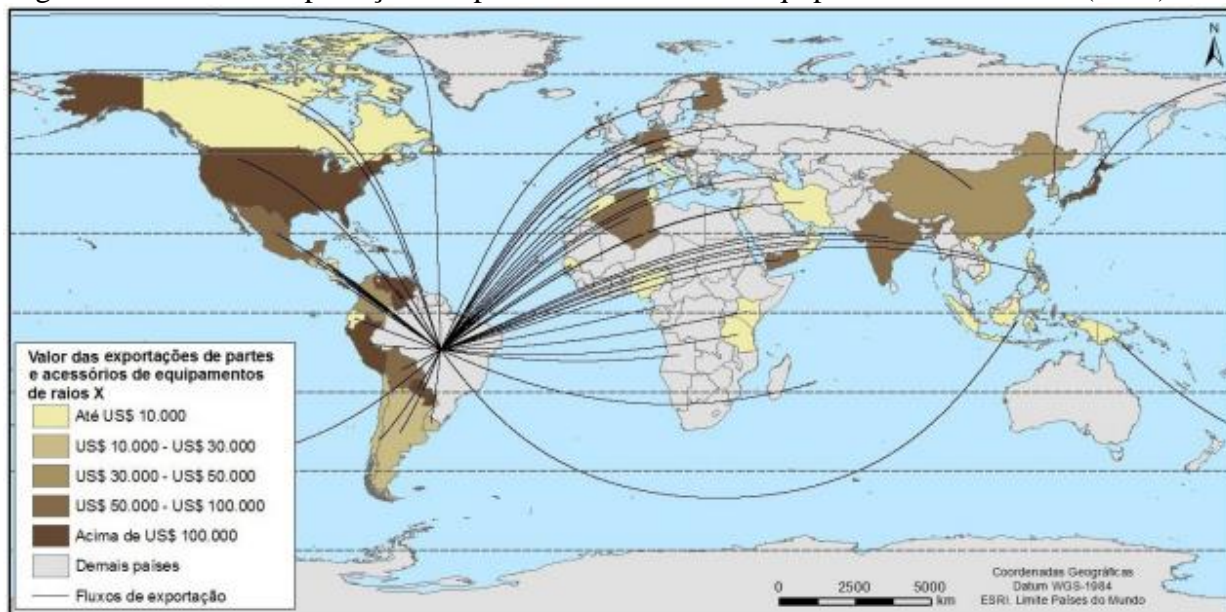
Em 2008 o Governo Federal criou uma política pública para o complexo industrial da saúde brasileiro, a partir da criação do Grupo Executivo do Complexo Industrial da Saúde (GECIS). A criação desse grupo se justifica pelo Brasil ter uma posição importante no complexo econômico-industrial da saúde global como produtor, exportador e importador. Na tentativa de explicitar melhor este caráter global do circuito espacial de produção na saúde, incluímos as duas figuras abaixo, que nos dão importantes elementos para esta reflexão.

Figura 2 - Valor das importações de partes e acessórios de equipamentos de raios X (2014)



Fonte: AliceWeb/MDIC (2014), extraído de ANTAS JR (2017)

Figura 3 - Valor das exportações de partes e acessórios de equipamentos de raios X (2014)



Fonte: AliceWeb/MDIC (2014), extraído de ANTAS JR (2017)

Os mapas acima confirmam a desigualdade dos valores movimentados pelos negócios entre o Brasil e os países centrais. No primeiro mapa há predominância de relações entre países centrais e o Brasil, com alto volume de importações, em relação ao de exportações, que variam, principalmente, de US\$100.000 a US\$10.000.000 em valores. No segundo, é interessante a participação das relações com países da América do Sul e com países africanos.

Para Antas Jr (2017), o circuito industrial da saúde depende da urbanização, assim como parte do processo de urbanização é orientado pela expansão dos serviços de saúde e, conseqüentemente, da construção do complexo industrial da saúde, caracterizando processos de urbanização corporativa. Assim, é natural que as grandes empresas busquem espaços fluidos para a mobilidade do capital. Uma das formas características que estes circuitos imprimem no território são as ilhas de alta densidade técnica nos centros urbanos que permitem o fácil compartilhamento de informações. Nesses lugares ocorrem simultaneamente dois processos: a refuncionalização do espaço urbano, pela transformação morfológica e de uso do território da cidade; e a divisão especializada do espaço urbano, voltadas para serviços de saúde com conteúdo técnico-científico.

O objetivo do conceito de circuito espacial produtivo não é somente revelar os atores envolvidos na produção industrial e na comercialização de produtos de um determinado setor produtivo, e sim nos dar caminhos para o entendimento da lógica de uso dos territórios segundo as necessidades da sociedade e da acumulação de capital. Isso converge com as preocupações de Castillo e Frederico (2010) e de Denise Bomtempo (2012), de que os geógrafos não devem limitar suas pesquisas aos conceitos econômicos de cadeia produtiva e cadeia global de valor, e independe do setor econômico investigado pelo pesquisador.

Assim, a leitura do artigo de Antas Jr. (2017) nos permite concluir que a consolidação dos circuitos e do complexo econômico industrial da saúde é principalmente orientada por grandes empresas; e entendermos que as decisões corporativas modificam e renovam divisões territoriais do trabalho; concluimos também que um setor econômico pode ser um ator significativo na divisão territorial do trabalho nas diferentes formações socioespaciais. Em outras palavras, ainda que haja formas plurais de se ofertar um determinado serviço público às cidades, as demandas do bom funcionamento dos circuitos espaciais produtivos se tornam imperativas aos lugares, estimulando transformações espaciais, como a refuncionalização urbana e as especializações produtivas. Além disso, o estudo do circuito espacial produtivo ilumina algo de central na dinâmica do mundo globalizado: os mecanismos de simultaneidade das ações econômicas conduzidos pelas corporações transnacionais em escala global.

## **2.2 O circuito espacial produtivo e o círculo de cooperação no espaço do petróleo no Brasil**

Em artigo publicado na revista Geosp, Silvana Cristina da Silva (2019) analisa o circuito espacial produtivo e os círculos de cooperação no espaço do petróleo, adotando Macaé (RJ) como seu principal recorte analítico. A cidade de Macaé é central para a indústria petrolífera brasileira, pois concentra as atividades de prospecção e extração do petróleo da Bacia

de Campos, e sedia a maior unidade do ramo em atividade no território nacional: a Unidade de Operação de Exploração e Produção da Petrobrás (Imbetiba). Em Macaé também estão presentes as concessionárias petrolíferas estrangeiras Anadarko, BP Energy, Statoil, Repsol-Sinopec e um conjunto de empresas parapetroleiras, responsáveis pelas atividades de pesquisa e prospecção, todas com sede em Houston (EUA).

A urbanização de Macaé foi conduzida a fim de se tornar funcional para a indústria do petróleo. Seu desenvolvimento se deu apoiado pela constituição de uma psicofera, em que o poder público do estado do Rio de Janeiro promoveu ações publicitárias para associar a atividade petrolífera à geração de renda no norte fluminense. Assim, Macaé passa a ser conhecida como a capital nacional do petróleo.

Retomando Antas Jr (2017), sabemos da necessidade de aproximarmos a economia política da urbanização da economia política da cidade para investigar os efeitos gerados pelos circuitos:

O conhecimento da economia política da urbanização é fundamental para qualquer investigação disciplinar interessada nas variadas formas das divisões social e territorial do trabalho. E por essa razão é importante estabelecer as relações entre a economia política da urbanização com a economia política da cidade, pois são nas cidades que tais divisões especializadas [...] de fato ocorrem, produzindo uma hierarquia entre as cidades, basicamente entre o comando do complexo e a produção e comercialização de insumos e produtos. (ANTAS JR., 2017, p.253)

O período técnico-científico-informacional aprofundou as relações de dependência entre os lugares do mandar, onde se localiza a base técnico-científica gerenciadora de uma determinada atividade produtiva, e os lugares do fazer. Nesse sentido, a partir da análise de Silva (2019), entendemos que a cidade de Macaé é um local especializado na atividade extrativa de petróleo, mas que não detém o domínio das informações estratégicas a nível global, porque essa função se concentra nas centrais de comando das empresas petrolíferas, localizadas em países centrais.

O circuito espacial de produção e o círculo de cooperação no espaço são conceitos que permitem compreender como o território participa do processo de produção, distribuição, comércio e consumo a fim de revelar a circularidade da acumulação de capital (SILVA, *op. cit.*, p.311). Os territórios que fazem parte dos circuitos são fundamentais para análise, já que estão articulados e hierarquizados conforme a sua função na divisão territorial do trabalho. A partir disso, entendemos que o espaço urbano de Macaé tem importância nacional para a produção de informações necessárias ao círculo de cooperação espacial produtivo do petróleo, e que esta cidade é considerada um nódulo para a organização da produção petrolífera brasileira, em



### **2.3 O circuito espacial de produção da Nestlé no Brasil**

No artigo publicado no Caderno Prudentino de Geografia, Denise Bomtempo (2012) investiga o circuito espacial de produção e o círculo de cooperação no espaço do grupo Nestlé no Brasil. Os objetivos principais da autora foram: mapear a configuração industrial da empresa; compreender as interações nacionais, regionais e globais da Nestlé a partir do território brasileiro; e compreender a configuração da divisão territorial do trabalho da Nestlé no Brasil através das interações espaciais nacionais e globais realizadas pelas empresas do grupo. Ao longo da sua análise, observamos que o desenvolvimento tecnológico de certas regiões brasileiras promoveu a compressão de distâncias e facilitou a difusão de informações através de redes técnicas, das quais a Nestlé se apropriou, e, assim, reformulou suas estratégias de mercado, segundo os níveis de densidade técnica do território.

A autora critica metodologicamente as pesquisas em Geografia Econômica sobre as atividades industriais, mas que não atingem as dinâmicas propriamente geográficas dos territórios, porque não investigam as relações entre a atividade industrial e o espaço. O espaço geográfico é revelado a partir da categoria de território usado, entendido como um híbrido de materialidades e de ações em constante interação (SANTOS, 1996). Assim, compreender as intenções do uso do território e questionar a quem atende a incorporação do território às fases da produção industrial é essencial para realizar uma discussão propriamente geográfica deste fenômeno.

Bomtempo (2012) antecipa possíveis equívocos na pesquisa sobre os circuitos espaciais, podendo haver diferentes resultados obtidos ao usarmos noções oriundas das ciências econômicas e da ciência geográfica. No caso das ciências econômicas, o conceito equivalente ao de circuito é o da cadeia produtiva. Assim como Castillo e Frederico (2010), a autora concorda que a cadeia produtiva não realiza uma discussão geográfica, pois analisa o comportamento dos produtos no mercado considerando apenas as etapas do seu processo produtivo. Em outras palavras, negligencia-se a dimensão espacial da produção, portanto, não se suscitam discussões sobre a produtividade e a seletividade espacial.

A Nestlé inicia a formação de um circuito espacial sólido no Brasil quando suas atividades passam do comércio para a produção. A empresa suíça, que desde o século XIX já comercializava produtos no Brasil, abriu um escritório na cidade do Rio de Janeiro em 1921 para ser a sede regional sul-americana e coordenar a produção industrial no território nacional. Com essa ação, a empresa “configura, normatiza, e controla o território brasileiro e sul-americano, conforme os próprios interesses, quais sejam: ampliação dos lucros e, conseqüentemente, o domínio da produção global de produtos alimentícios industrializados”.

(BOMTEMPO, 2012, p.80). Assim, a Nestlé configura o território brasileiro como um “espaço do fazer” na divisão territorial do trabalho da empresa, ao mesmo tempo que passa a gerenciar o uso de partes do território brasileiro.

Em relação às funções das unidades da Nestlé, é notável a desigualdade na distribuição dos papéis do mandar e do fazer nas escalas global e nacional. As unidades de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) estão na Europa, América e Ásia (China e Japão), e as unidades produtivas estão espalhadas globalmente, mas se concentram nos países mais ricos de cada continente, ou nos que possuem grande mercado consumidor.

O grupo empresarial Nestlé normatiza e usa o território brasileiro ao eleger os lugares do fazer e do gerir, fazendo o uso corporativo do território a partir da articulação entre as partes da empresa, sendo, também, uma interação entre os lugares que realizam as atividades de gestão, produção e de pesquisa. Essa lógica de uso do território, comum às grandes corporações globais, determina que países periféricos e semiperiféricos realizem atividades de fabricação, enquanto os países centrais realizam atividades de gestão financeira e de (P&D) (BOMTEMPO, 2012).

A autora explica como se dá o aproveitamento das potencialidades dos territórios pela Nestlé:

“o grupo empresarial analisado se apropria das potencialidades existentes no país (amplo mercado consumidor, capacidade produtiva, mão de obra disponível, fixos e fluxos para distribuição da mercadoria e troca de informações, política estável, entre outros) com vistas à ampliação das taxas de lucros, que são destinadas, em sua maioria, para a Suíça, sede do Grupo empresarial Nestlé S/A.” (BOMTEMPO, 2012, p.13).

A formação do circuito espacial produtivo da Nestlé no Brasil se dá pelas estratégias de expansão territorial da empresa no território brasileiro. Desde 1921 já havia atividade fabril da Nestlé em Araras-SP. Em 1927 a Nestlé tinha escritórios em São Paulo, Recife, Porto Alegre e Rio de Janeiro. Em 1959 a Nestlé transfere a sede gestora da Nestlé no Brasil do Rio de Janeiro para São Paulo, devido ao papel da capital paulista na rede urbana brasileira.

A autora chama a estrutura criada pela Nestlé no Brasil de empresa “em rede”, em que, a partir da sua sede localizada em São Paulo, temos os setores produtivos classificados por tipo de produto. Cada setor produtivo é responsável pela administração das suas fábricas. Ela nos mostra ainda que podemos analisar a divisão territorial do trabalho de uma empresa específica. Quando analisamos o papel de um território ou cidade no circuito espacial de uma empresa, podemos associar o território à responsabilidade do cumprimento das normas elaboradas pela empresa; e podemos atribuir ao território um papel sobre o ciclo de reprodução do capital da empresa (BOMTEMPO, 2012).

Bomtempo (2012) localiza as unidades fabris da Nestlé e de empresas subcontratadas – empresas brasileiras licenciadas pela Nestlé –, centros de distribuição e de armazenamento e classifica as cidades de acordo com o seu porte. Há predominantemente cidades médias envolvidas no circuito espacial produtivo da Nestlé (sendo a cidade média um critério relacionado ao papel exercido pela cidade na rede urbana, e não relacionado ao critério demográfico). As fábricas estão concentradas na chamada “região concentrada” do Brasil (Sul e Sudeste), conforme definido por Santos e Silveira (2001).

#### **2.4 O circuito espacial da tilapicultura no Paraná**

A análise dos pesquisadores Maico Eduardo Dias Dias e Edilson Luis de Oliveira (2022) sobre os circuitos espaciais produtivos e os círculos de cooperação no espaço da tilapicultura no norte e no oeste paranaense envolve procedimentos metodológicos diferentes dos demais materiais revisados. Os autores mostram que o surgimento da tilapicultura em cada uma das regiões escolhidas como recorte analítico envolve condicionantes espaciais distintas, e isso resulta em dois circuitos espaciais, com produções industriais, modalidades técnicas e fluxos diferentes, ainda que sejam circuitos de um mesmo produto.

Seus objetivos principais fornecem um interessante caminho metodológico para a operacionalização dos conceitos. Identificamos as seguintes questões norteadoras de sua investigação: quais condições socioespaciais possibilitaram o desenvolvimento diferencial dos aglomerados produtivos da tilápia? Os círculos de cooperação são condicionantes espaciais específicas em cada contexto regional? Quem são os produtores em cada caso e como isso se relaciona com a formação socioespacial de cada região? (DIAS, M. E.; OLIVEIRA, E. L., 2022)

Como mostram os autores, a tilápia é o pescado mais consumido no mundo. Os Estados Unidos são os maiores importadores e consumidores deste tipo de peixe, seguido da China (segundo maior importador e o maior produtor mundial do pescado). O Brasil é um importante exportador e consumidor de tilápias, o pescado mais consumido nacionalmente. Segundo ainda Dias e Oliveira (2022), 57% da produção brasileira de tilápias vem de três unidades federativas: Paraná (líder da produção nacional), São Paulo e Santa Catarina. Apesar desse quadro global, e com base nas questões norteadoras do artigo, entendemos que a escala geográfica de análise utilizada pelos autores é propositadamente restrita aos circuitos regionais paranaenses, sem contemplar a rede de exportação, concentrando-se no resgate histórico da ocupação territorial das duas regiões estudadas.

Para diferenciar os circuitos, os autores dividiram as concentrações produtivas de tilapicultura em duas regiões: o contexto regional norte paranaense, centralizado no município

de Alvorada do Sul; e o contexto regional do oeste paranaense, centralizado no município de Toledo. A partir do recorte, conduziu-se uma análise para compreender a estruturação e o funcionamento de cada circuito, objetivando revelar divisões do trabalho distintas e com diferentes níveis de densidades técnicas.

A escolha dos recortes analíticos não elimina a discussão sobre escalas mais amplas de interação e funcionamento dos circuitos espaciais. Sabemos que no período da globalização os processos de concentração e especialização produtiva são resultantes das interações locais, regionais e globais. No caso estudado, ainda que localizado no Paraná, o circuito espacial produtivo de tilápias está inserido em um mosaico de produções regionais especializadas, resultantes das interações globais e locais. Nesse sentido, produz-se, simultaneamente, dois quadros: de homogeneidade, determinado pelas relações globais e locais do circuito; de particularidades, em que as produções locais componentes do mosaico têm especificidades trabalhistas, de armazenamento, de transportes, de consumo, entre outras. (DIAS, M. E.; OLIVEIRA, E. L, 2022)

Nesse sentido, é necessário destacar razões específicas pelas quais o Paraná lidera a produção de tilápias no Brasil: a utilização de objetos técnicos decorrentes da ocupação histórica, e a disponibilidade de recursos do território aproveitáveis para a piscicultura. Os recursos do território dizem respeito, de forma geral, à presença de estradas, energia elétrica e rede urbana consolidada, e de outros fixos, infraestruturas e equipamentos. De maneira específica, os recursos do território são, também, aqueles que explicam as diferentes formações de circuitos espaciais produtivos.

No caso paranaense, eles estão associados às formas de apropriação de recursos naturais presentes em cada região estudada. A apropriação da rede hídrica do reservatório Hidrelétrica de Capivara caracteriza a tilapicultura do norte paranaense; e a apropriação de tanques escavados e da integração da rede de cooperativas agroindustriais definem o quadro oeste paranaense. Além de explicar a origem dos circuitos, essa distinção é necessária para compreender as dinâmicas diferenciais da produtividade espacial – ou trabalho do espaço – em cada contexto regional, e para entender a capilaridade das dinâmicas regionais produtivas do norte e do oeste paranaense. (DIAS, M. E.; OLIVEIRA, E. L, 2022)

Os eventos importantes para o desenvolvimento da tilapicultura paranaense tiveram, no passado, intencionalidades específicas ligadas a outras atividades, como a geração de energia e a agricultura familiar. No norte, temos a construção da Hidrelétrica de Capivara, em 1977, seguida da ocupação do seu reservatório para lazer, com as construções de chácaras a partir de 1980. Além disso, temos um fator locacional, em que a centralidade de Alvorada do Sul garante

proximidade com mercado consumidor e com as indústrias relacionadas à piscicultura de Londrina. Segundo o esforço de síntese dos autores, houve uma convergência entre características locais, processos socioeconômicos nacionais e macrorregionais que possibilitaram a criação de objetos técnicos (fixos) para dar origem à tilapicultura no norte paranaense. (DIAS, M. E.; OLIVEIRA, E. L, 2022)

No caso do oeste paranaense, destaca-se que os tanques em rede foram a técnica adaptada para produção de tilápias nas chácaras construídas às margens da represa do rio Paranapanema. Cada chacara funciona como uma “base operacional”: tem os aparatos técnicos de despesca, estocagem, compostagem, escritórios, e pode ser considerada uma prática intensiva, apesar dos altos custos de manutenção e da qualidade inferior dos peixes criados em tanques redes. Os tipos principais de produtores são chacareiros residentes em Alvorada ou em Londrina, que podem ou não ter a piscicultura como atividade econômica principal (sítios maiores também praticam agricultura) sendo que apenas os sítiantes das margens da represa têm identidade ligada ao campo. Sítios maiores também praticam agricultura.

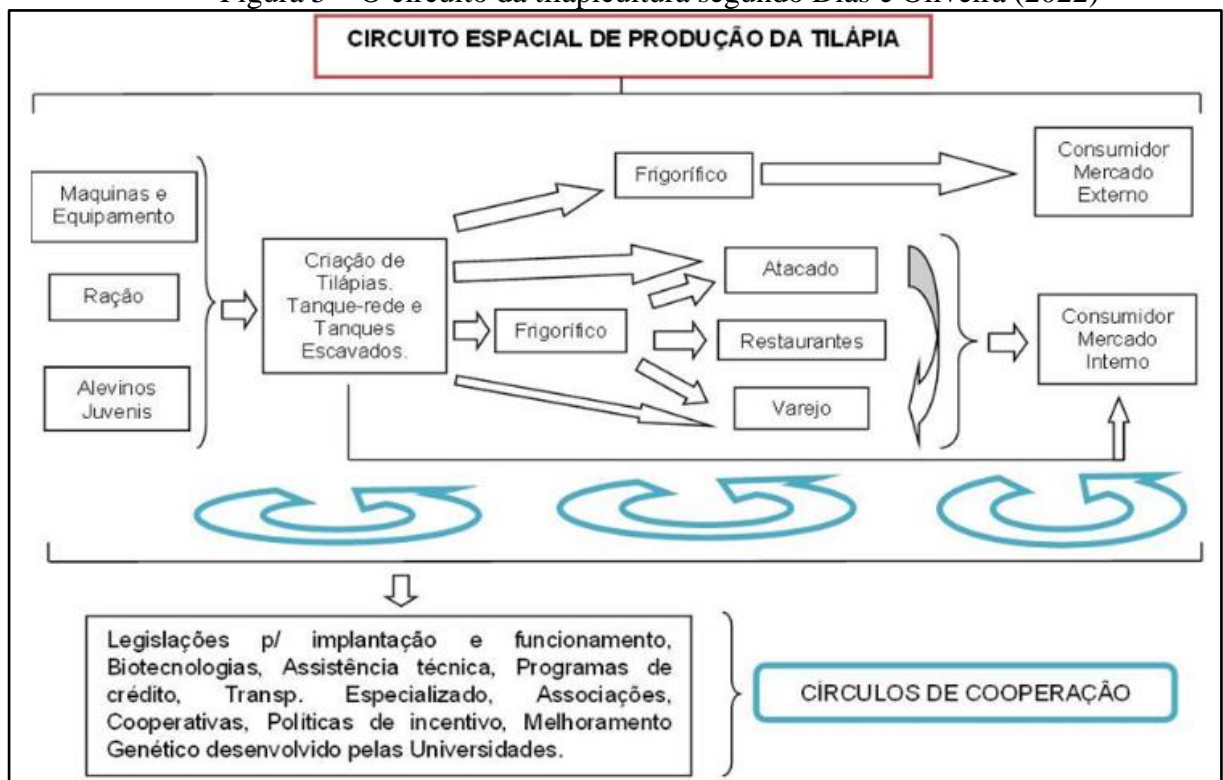
No circuito espacial norte paranaense apenas a etapa de engorda dos peixes é realizada. Os tilapicultores compram a produção de alevinos de outros produtores, inclusive não paranaenses, estendendo o circuito para outros estados. Quanto à formação do círculo de cooperação no norte paranaense, as universidades de Londrina e de Maringá atuam em pesquisas de melhoramento genético para a produção comercial de tilápias, além da importante participação das associações de produtores e dos institutos técnicos que atuam para facilitar as etapas de distribuição e no fornecimento de assistência técnica. (DIAS, M. E.; OLIVEIRA, E. L, 2022)

A tilapicultura do oeste do Paraná é caracterizada como intensiva: alta dependência de tecnologia, mão de obra especializada, precisão, produtividade e eficiência produtiva. Os alevinos de tilápia produzidos em Toledo são comercializados com produtores fora do Paraná para a fase de engorda. Os autores descrevem os equipamentos técnicos para cada fase de produção - meio técnico-científico-informacional e densidade técnica elevada.

A prática da integração entre as cooperativas agroindustriais – dinâmica com a finalidade de controlar a produção e barateá-la – é semelhante à solidariedade organizacional citada por Ricardo Mendes Antas Jr. (2017). São organizados desde o fornecimento de insumos ao controle de qualidade, métodos de produção e gerenciamento, etc. A consequência para o espaço é a configuração de arranjos territoriais produtivos, entendido pelos autores como o fortalecimento da articulação entre campo e cidade. Os autores listam as etapas de produção, inclusive das indústrias associadas (como alimentação, beneficiamento, máquinas).

Ao analisar o papel das condicionantes territoriais que influenciam a tilapicultura, os autores não abordam somente esta atividade produtiva, mas abordam outras atividades econômicas ligadas à agropecuária e ao mercado imobiliário. A partir da análise, eles concluem que o norte paranaense é um território especializado no cooperativismo agroindustrial, formado por pequenos e médios produtores que utilizam o tanque escavado como forma técnica de produção e que têm tradição do campo, de mão de obra familiar e qualificada tecnicamente.

Figura 5 – O circuito da tilapicultura segundo Dias e Oliveira (2022)



Fonte: Dias e Oliveira (2022)

Os círculos de cooperação funcionam como articuladores e aproximadores das etapas de produção, com a finalidade de garantir a fluidez das mercadorias e informações no circuito espacial. Isso implica diretamente na produtividade territorial e consequentemente na produtividade das empresas envolvidas no circuito. São exemplos de agentes articulados: cooperativas agroindustriais, associações, legislações, biotecnologia, crédito bancário e universidades.

### Capítulo 3. O circuito espacial e os círculos espaciais produtivo do Grupo 3Corações e a sua internacionalização

O atual grupo 3corações tem origem no município de São Miguel (RN), em 1959, como uma empresa produtora e vendedora de café verde. Em 1961 a empresa passa a processar café e cria a marca Café Nossa Senhora de Fátima de cafés torrados e moídos. Em 1984, o fundador da empresa, João Alves de Lima, transfere o seu comando aos seus filhos, Pedro, Paulo e Vicente Lima, sendo Pedro o atual presidente do grupo 3corações e da São Miguel Holding. Em 1985 a empresa mudou de nome, dando origem à marca Santa Clara de cafés torrados e moídos embalados.<sup>1</sup>

Figura 6 - Propaganda da mudança de nome para Café Santa Clara em 1984



Fonte: Relatório de Sustentabilidade do Grupo 3corações, 2019

A primeira fase da expansão da Santa Clara iniciou com a abertura da filial de vendas e distribuição do Café Santa Clara em Mossoró (RN), em 1988. Em 1990, a expansão se aprofundou com a abertura da unidade fabril em Eusébio (CE) e dos armazéns gerais (depósitos de café verde) em Manhauçu (MG). Em 1993, ocorre a primeira ação de diversificar a produção industrial, com abertura da fábrica Moinho Santa Clara em Mossoró (RN), destinada à produção de alimentos típicos da cultura nordestina, como flocão de milho e milho de canjica.<sup>2</sup>

Em 1996 a empresa Santa Clara dá início a fase expansiva que lhe renderá o domínio do mercado de café torrado e moído nas regiões Nordeste e Norte do Brasil, com incorporação da tradicional firma potiguar, Café Kimimo, ao grupo Santa Clara. Assim, em 2002, o grupo se consolidou líder de mercado nas regiões citadas com o nome Santa Clara nas embalagens de café torrado e moído.

<sup>1</sup> Disponível em <https://www.3coracoes.com.br/nossa-historia/> (Acesso em 12.01.2023)

<sup>2</sup> Disponível em <https://www.3coracoes.com.br/sustentabilidade/> (Acesso em 12.01.2023)

Conforme mencionado, a expansão para a região Sudeste ocorreu a partir de 2003 com a incorporação da firma de café torrado e moído fluminense Pimpinela. Em 2005, temos o evento mais importante para a expansão do grupo em escala nacional e para o início da sua internacionalização: a formação da *joint venture* entre a empresa São Miguel Fundo de Investimentos em Participações Multiestratégia – empresa de propriedade da Família Lima, criadora da Santa Clara – e a empresa sediada na Holanda Strauss Coffee B.V., pertencente ao conglomerado israelense Strauss Group, que ratificou um acordo 50/50, formando um grupo empresarial de capital fechado. Em 2010, o grupo oficializa o nome de Grupo 3corações, e, em 2012, se torna líder nacional no mercado de café torrado e moído. Seu projeto de modernização e internacionalização é intensificado desde 2013, quando o grupo fechou parceria com a empresa italiana de máquinas de café, Caffitaly, para criação da marca TRES de café em cápsulas.<sup>3</sup>

A partir desse breve resgate histórico da empresa, vimos que a maior empresa de café do Brasil surgiu na região Nordeste, que, historicamente, não é relevante para a produção cafeeira no país. Segundo o estudo Reposicionamento Estratégico das Indústrias Processadoras de Café do Brasil (2015), a Região Sudeste concentra e centraliza a maioria das atividades produtivas do setor cafeeiro no território brasileiro. Como mostra o estudo: “é possível afirmar que, se o café brasileiro é principalmente colhido em Minas Gerais, ele é majoritariamente processado em São Paulo, que é responsável por cerca de 25% da produção de café torrado e moído e mais de 50% da produção de café solúvel” (SÓRIO, 2015, p. 47).

Segundo o estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, intitulado Geografia do Café (IBGE, 2016), vemos que a histórica concentração territorial sudestina também significa controle do território, que indica uma predominância do poder de comando sobre os círculos de cooperação e, conseqüentemente, uma alta capacidade de movimentar os fluxos das atividades do setor cafeeiro: “Nesse circuito, os estados cafeeiros do Sudeste lideram a produção propriamente dita, discutem políticas para o setor, desenvolvem pesquisas, atuam na formação de preços e realizam negociações comerciais nacionais e internacionais” (IBGE, 2016, p. 31).

Na contramão desse quadro histórico de concentração e centralização territorial da indústria cafeeira, o Grupo 3 Corações iniciou suas atividades no Rio Grande do Norte até se tornar líder nos mercados nordestino e nortista em 2001, e apenas expandiu sua atividade industrial para o Sudeste em 2003, com a aquisição da empresa Pimpinela. Em 2012, o Grupo

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.escolhatres.com.br/sobre-a-marca/>. (Acesso em 15.01.23)

assumiu o primeiro lugar no Brasil na produção de café torrado e moído, de acordo com o ranking das empresas associadas da Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC), conforme mencionado.

Em 2018, o grupo adquiriu a empresa Café Manaus, empresa manauara líder regional do setor, para construir uma nova fábrica e um novo centro de distribuição. Neste movimento, é possível identificar uma estratégia eminentemente territorial do grupo, conforme a seguinte afirmação de Pedro Lima, presidente do Grupo 3 Corações:

“O faturamento que a nova aquisição [Café Manaus] vai agregar à receita do Grupo 3corações “não é muito relevante”, admitiu Lima. “Mas é relevante para a região”. Um dos planos da empresa ao ter uma plataforma industrial e de distribuição de café em Manaus é poder exportar produtos para países vizinhos à região, segundo o presidente do 3corações.”<sup>4</sup>

O Grupo 3corações é o maior grupo industrial do café no Brasil, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Café (doravante, ABIC). Portanto, suas ações são relevantes para compreender o uso do território brasileiro, como, por exemplo, o direcionamento recente das suas atividades produtivas de alto valor agregado para a Região Norte, que pode configurar uma nova divisão territorial do trabalho ao fortalecer plataformas de exportação para outros países a partir da região Norte. O quadro abaixo nos mostra quais são as maiores indústrias deste tipo no Brasil hoje, e a localização estadual de suas sedes:

Quadro 1: Brasil – Relação das 10 maiores Indústrias de Café Associadas da ABIC (2020)

Ranking	UF	EMPRESA
1º	CE	GRUPO TRES CORACOES
2º	SP	JACOBS DOUWE EGBERTS BR COM. DE CAFES LTDA
3º	SP	MELITTA DO BRASIL IND. E COM. LTDA.
4º	SE	INDS. ALIMENTS. MARATA LTDA.
5º	PB	SAO BRAZ S/A IND. E COM. DE ALIMENTOS S.A
6º	MG	COOP. REGIONAL DE CAFEICULTORES EM GUAXUPE LTDA. – COOXUPE
7º	SP	MASSIMO ZANETTI BEVERAGE BRASIL LTDA.
8º	GO	CAFE RANCHEIRO AGRO INDL. LTDA.
9º	MG	FOODS IND. E COM. LTDA
10º	MG	CAFE BOM DIA LTDA.

Fonte: Associação Brasileira da Indústria de Café (2020)

A tendência do aumento da participação de grandes empresas estrangeiras no mercado nacional se confirma, de acordo com os dados observados no quadro. As três maiores empresas do setor cafeeiro no Brasil são empresas mistas, de capital nacional e capital estrangeiro:

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.brasilagro.com.br/conteudo/3coracoes-acelera-expansao-com-outra-aquisicao-no-pais.html>. (Acesso em 20.12.2022)

israelense (Grupo 3corações); holandês (Jacobs Douwe Egberts) e alemão (Mellita). Além disso, o grupo 3corações se destaca como a maior empresa nacional e de origem nordestina, sendo que, dentre todas as empresas do quadro, apenas 2 são dessa região.<sup>5</sup>

A expectativa de que a abertura de mercado oriunda da desregulamentação do setor cafeeiro resultasse na melhoria da qualidade do produto ofertado em território nacional foi frustrada. A competição com empresas estrangeiras não gerou os efeitos esperados, que seriam o estímulo à diversificação da oferta de cafés no mercado nacional e a melhoria da qualidade dos cafés pelos produtores brasileiros. Ao contrário, a entrada de grandes torrefadoras e transnacionais se deu pela aquisição das empresas nacionais e pela formação de *joint ventures*, como no caso da Strauss-Elite, que fomenta a oligopolização do mercado nacional de café, e não promoveu a melhoria motivada pela competição (FREDERICO, 2014).

### **3.1 Os Relatórios de Sustentabilidade do Grupo 3corações de 2019, 2020 e 2021**

Em 2019 o Grupo 3corações publicou o seu primeiro relatório de sustentabilidade, no ano do aniversário de 60 anos da empresa. No documento, a empresa lança as bases dos seus valores institucionais, apresentando-se como a maior produtora de café do Brasil, cuja importância se evidencia pela produção de café e de outros produtos inseridos na indústria brasileira de alimentos industrializados, que correspondem a 9,7% do PIB brasileiro em 2019 (ABIA).

O tom do relatório aponta para duas grandes preocupações da empresa: atualizar constantemente a produção conforme os novos desejos e hábitos dos consumidores de café do Brasil, e conforme as demandas globais para a produção sustentável. O presidente da empresa, Pedro Lima, afirma o compromisso do grupo ao assinar, desde 2014, o Pacto Global da Organização das Nações Unidas (ONU), formalizando a operação dos Dez Princípios Universais dos Direitos Humanos, e ao tornar o grupo signatário dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU.

A própria elaboração do relatório de sustentabilidade é um indicativo da estratégia de internacionalização da empresa. Sua metodologia é orientada pela *Global Reporting Initiative* (GRI), que segundo o Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável, é uma organização internacional que capacita empresas para a mensuração dos seus impactos

---

<sup>5</sup> Não pudemos dar continuidade às investigações acerca da expansão da 3corações para a Região Norte do país devido à baixa disponibilidade de informações abertas sobre as empresas. Ainda assim, é válido ressaltar que há um interesse declarado da empresa em expandir sua plataforma de exportação para países do norte da América do Sul, ou mesmo ter acesso aos portos destas nações.

ambientais, trabalhistas e econômicos, tendo como objetivo tornar esses dados passíveis de reconhecimento global. Assim, consideramos que a formulação da agenda de compromissos sustentáveis da 3corações está associada a órgãos globais que fornecem diretrizes para a sustentabilidade corporativa, integrando empresas através de padrões organizacionais; sem, necessariamente, normatizar diretamente o funcionamento da empresa ou fiscalizar o cumprimento das diretrizes. Estes relatórios nos parecem indicar também o poder destes órgãos internacionais para alterar a forma de funcionamento das firmas “nacionais”, nos diversos continentes.

### **3.2 O recente crescimento econômico e nova estrutura de controle do Grupo 3corações**

Conforme mencionado na introdução deste trabalho, é importante diferenciar o Grupo 3corações (Café Três Corações S.A) da empresa mineira 3 Corações, sediada em Santa Luzia (MG). Ainda que sejam firmas com nomes comerciais quase idênticos, a mineira 3 Corações surgiu em 1970, em Santa Luzia (MG). A empresa fundada por Mauro Alvez, Jan Sérgio de Oliveira e Pedro Basílio atuava no mercado mineiro como torrefadora e distribuidora regional de cafés. Em 1984, a 3 Corações decreta falência, sendo assumida por novos sócios: Aprígio Tavares Jr. e seu filho, Ricardo Tavares, responsáveis pelo projeto de reestruturação da empresa. A família Tavares conduziu a expansão dos negócios da 3 Corações, que se estruturou como a maior marca de café de Minas Gerais, liderando o mercado consumidor do maior estado cafeeiro do Brasil nos segmentos de café torrado e moído e de mistura para cappuccinos, da qual é pioneira no Brasil. Em 2000, a empresa foi vendida para o israelense Strauss Group por US\$41,2 milhões. Segundo Pedro Lima, ao final dos anos 1990 e início dos 2000 houve tentativas de fusão entre o grupo nordestino Santa Clara (dona do Grupo 3 Corações) e a 3 Corações (1998), e posteriormente com a Strauss (já detentora da 3 Corações), ambas frustradas. Como mostra uma notícia da época,

No final da década de 90, segundo Pedro, a Santa Clara faturava R\$ 127 milhões e a 3 Corações, R\$ 90 milhões. "Desenhamos um acordo que dividiria a empresa meio a meio, mas quando fomos assinar o contrato eles pediram o comando. Não fechamos negócio".

Em 2005, Pedro recebeu um telefonema da Strauss. A empresa israelense queria falar sobre uma possível parceria. Na época, eles faturavam R\$ 106 milhões contra R\$ 160 milhões da Santa Clara. "Eles disseram que só perderam dinheiro nos últimos anos e que aceitavam a divisão de 50% a 50%. Fechamos negócio".<sup>6</sup>

---

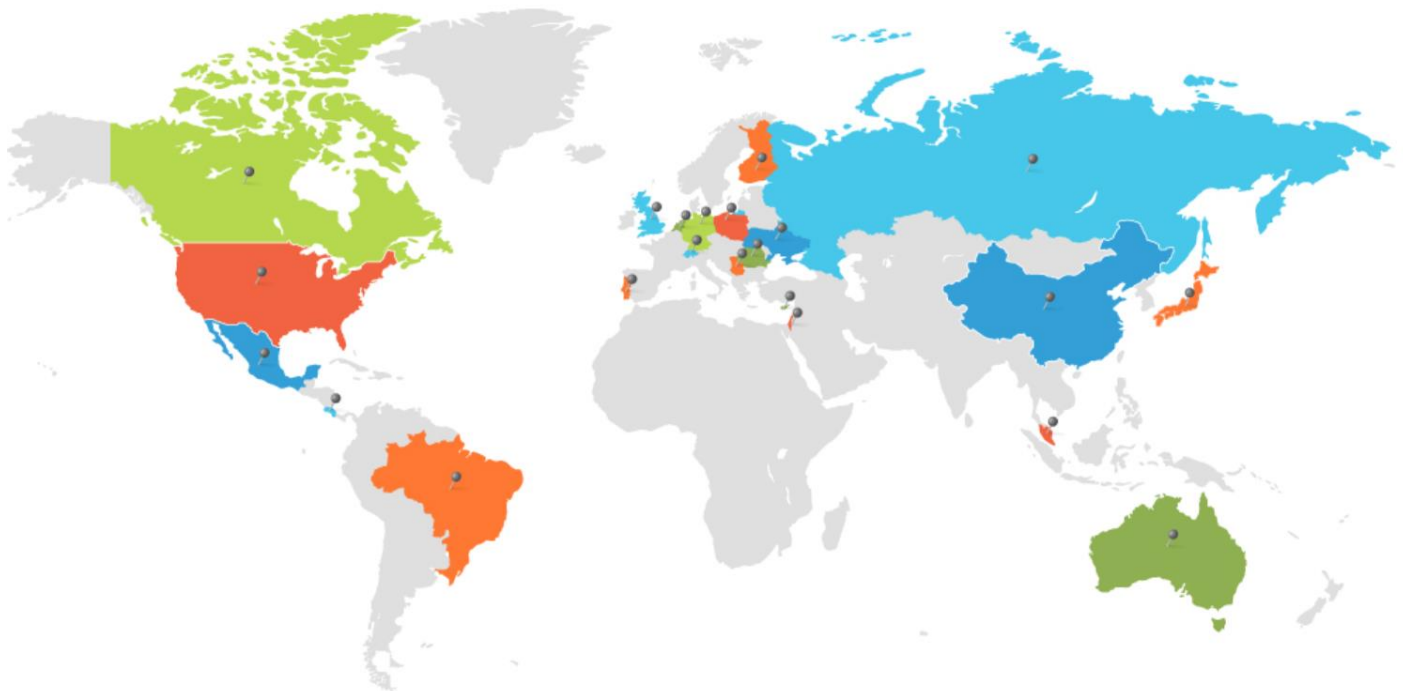
<sup>6</sup> Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Empreendedorismo/noticia/2016/10/licoes-de-pedro-lima-presidente-do-grupo-3-coracoes.html>. (Acesso em 28.01.2023)

O acordo selado em 2005 entre a empresa Holding São Miguel, proprietária da empresa líder do mercado de café nas regiões Norte e Nordeste (Santa Clara), e o conglomerado alimentício israelense Strauss Group, detentor da mineira 3 Corações, tornou a 3Corações a maior produtora de café do Brasil. Segundo a revista Forbes, a holding de investimentos São Miguel assinou em 2022 um acordo com o grupo israelense Strauss Group para renovar por mais 20 anos a *joint venture*, agora em vigor até 2045: “após um forte crescimento sustentado, a empresa mantém um *market share* de 32% no mercado de café e registrou um faturamento de R\$6,8 bilhões em 2021”. Como afirma Pedro Lima, presidente do grupo Três Corações e da Holding São Miguel, esta estratégia corporativa esteve baseada na seguinte perspectiva:

“O conhecimento e o profissionalismo de ambas as empresas, aliados ao fato de pertencerem a famílias com uma longa história no negócio, enquanto preparam a próxima geração, é a fórmula que permitiu que essa *joint venture* fosse tão bem-sucedida por tantos anos”<sup>7</sup>

A Strauss é uma grande corporação de bebidas, líder do mercado de café torrado e moído na Europa. Sua estratégia de expansão global também se baseou na formação de uma *joint venture*, neste caso, com a transnacional estadunidense do setor alimentício PepsiCo, em 2011.

Figura 7 - Localização das unidades do grupo Strauss



Fonte: Global Presence (Strauss Group).

<sup>7</sup> Disponível em: <https://forbes.com.br/forbesagro/2022/11/pwc-compra-o-hub-agtech-garage-veja-os-destaques-do-agroround/>. (Acesso em 25.01.23)

### 3.3 As marcas do grupo 3corações

Em 2022 – após a série de fusões e aquisições realizadas desde 2000 – as empresas que compõem o grupo 3corações são: Três Corações Alimentos S.A.; Principal Comércio e Indústria de Café LTDA; Café Três Corações S.A.; 3Caffi Indústria e Comércio de Cápsulas S.A; Cafeterias Três Corações LTDA; Prumo Participações LTDA; Café do Moço S.A; Positive Brands Indústria e Comércio de Alimentos Saudáveis S.A; Café Brasileiro Alimentos Ltda. Listamos todas as marcas de produtos fabricados e comercializados pela empresa, excluindo a venda de café verde (armazéns gerais), e com destaque para aqueles que se relacionam com crescimento do grupo empresarial entre 2019 e 2021. São eles:

Quadro 2 - Produtos do Grupo 3corações (2019-2021)

2019	Produtos	Marcas
	Cafés	3 Corações, Santa Clara, Pimpinela, Letícia, Fino Grão, Iguaçu, Cruzeiro, Divinópolis, Doutor, Kimimo, Fort, Gerônimo, Cirol, Toko, Manaus, Cuca, Londrina, Cruzeiro, Amigo, Itamaraty, Bangu, Ouribom
	Cappuccinos	3 Corações e Santa Clara
	Cafés com leite	3 Corações e Santa Clara
	Cafés solúveis	3 Corações, Iguaçu, Santa Clara, Cruzeiro e Kimimo
	Filtro de papel	3 Corações e Santa Clara
	Máquinas e cápsulas	TRES® (Caffitaly)
	Refrescos	Frisco e Tornado
	Bebida pronta	Pronto
	Achocolatado	Chocolatto
	Derivados de milho	Dona Clara e Claramil; dentre outras.
2020	Cafés	Brasileiro; 3 Fazendas; Bandeira (Mitsui)
2021	Bebida vegetal	A Tal da Castanha; dentre outras (Positive Brands)

Fonte: Relatório de Sustentabilidade do Grupo 3corações (2021)

Segundo o site do Grupo 3 Corações, o número das unidades e suas localizações são: 27 centros de distribuição; 9 unidades fabris: Manaus, Amazonas (1); Eusébio, Ceará (1); Mossoró

e Natal, Rio Grande do Norte (2); Cuiabá, Mato Grosso (1); Montes Claros e Santa Luzia, Minas Gerais (2); Nova Iguaçu, Rio de Janeiro (1); Araçariguama, São Paulo (1); 2 unidades de compra e beneficiamento de café verde localizadas em Manhuaçu e Varginha, Minas Gerais; 1 unidade de exportação em Varginha, Minas Gerais.

A tabela abaixo apresenta os números do crescimento dos fixos da empresa entre os anos de 2019 e 2021:

Tabela 1 - Crescimento da empresa entre 2019 e 2021

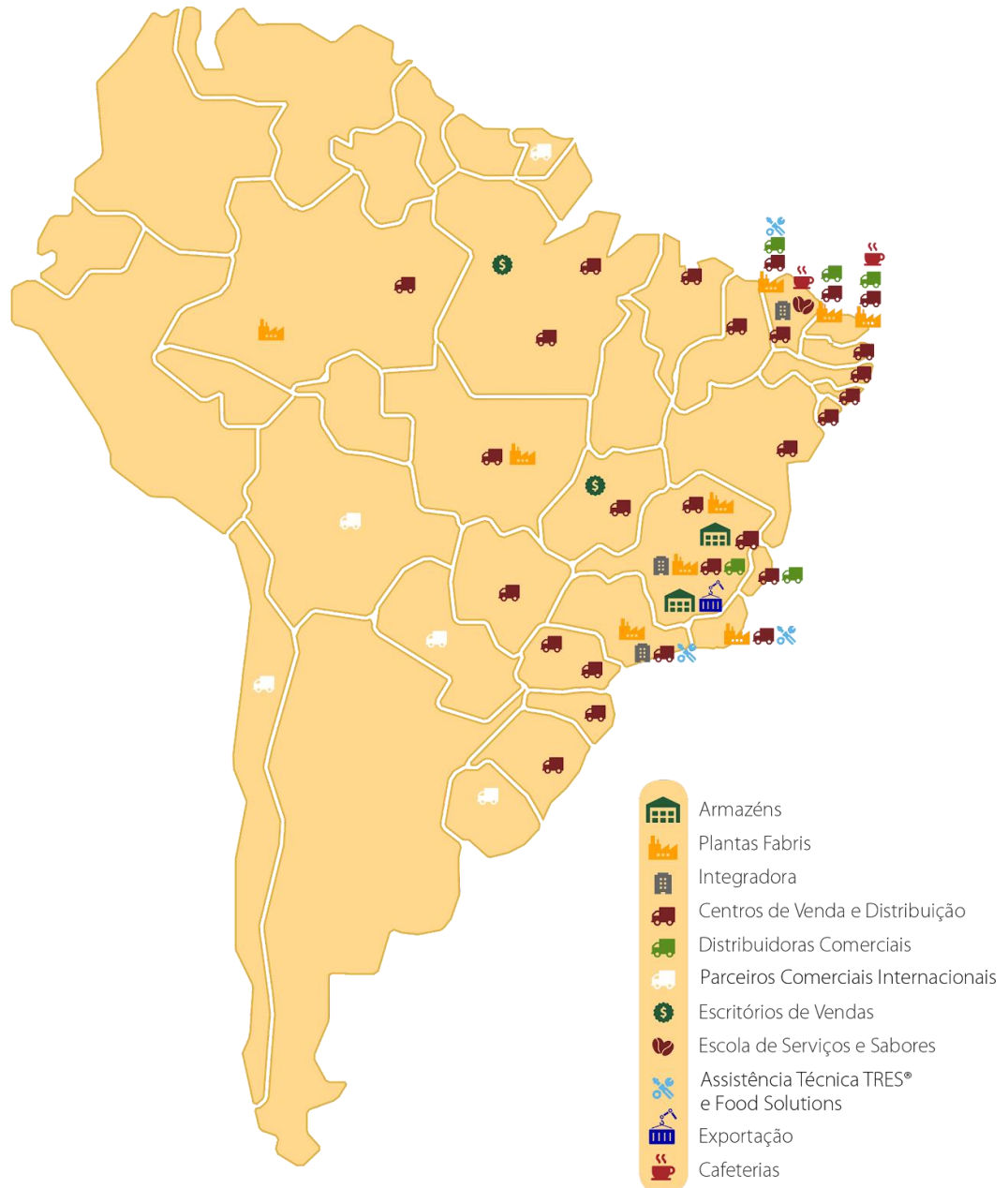
Ano	Empregados	Fábricas	Armazéns	Centros de Vendas e Distribuição	Unidade Integradora	Unidade de Exportação
2021	7384	9	2	27	1	1
2020	6903	9	2	27	1	1
2019	6575	7	2	27	1	1

Fontes: Relatório de Sustentabilidade dos anos de 2019, 2020 e 2021 do Grupo 3corações

A tabela acima mostra o expressivo crescimento da empresa entre os anos de 2019 e 2021, com destaque para dois intervalos: entre 2019 e 2020, com o acréscimo de duas fábricas resultantes da incorporação da marca Café Brasileiro; entre 2020 e 2021, com o aumento expressivo do número de trabalhadores, dado pela expansão das plantas fabris e pela fusão com a *Positive Brands*, em 2021.

A figura na página a seguir nos dá uma ideia aproximada da divisão territorial do trabalho do Grupo 3corações atualmente, apontando a localização e o número de fixos da empresa:

Figura 8 - Rede de produção e distribuição do grupo 3corações



Fonte: Relatório de Sustentabilidade do Grupo 3corações (2019)<sup>8</sup>

O mapa acima está disponível no site da empresa. Apesar de impreciso e de negligenciar informações importantes, ele nos auxilia a visualizar as unidades produtivas do grupo na América do Sul. A sede do Grupo 3 Corações Alimentos S.A está localizada em Eusébio (CE). Nota-se que as plantas fabris de café torrado e moído incorporadas entre 2019 e 2021 pela aquisição da Café Brasileiro estão presentes no mapa, localizadas em Cuiabá (MT) e Araçariguama (SP).

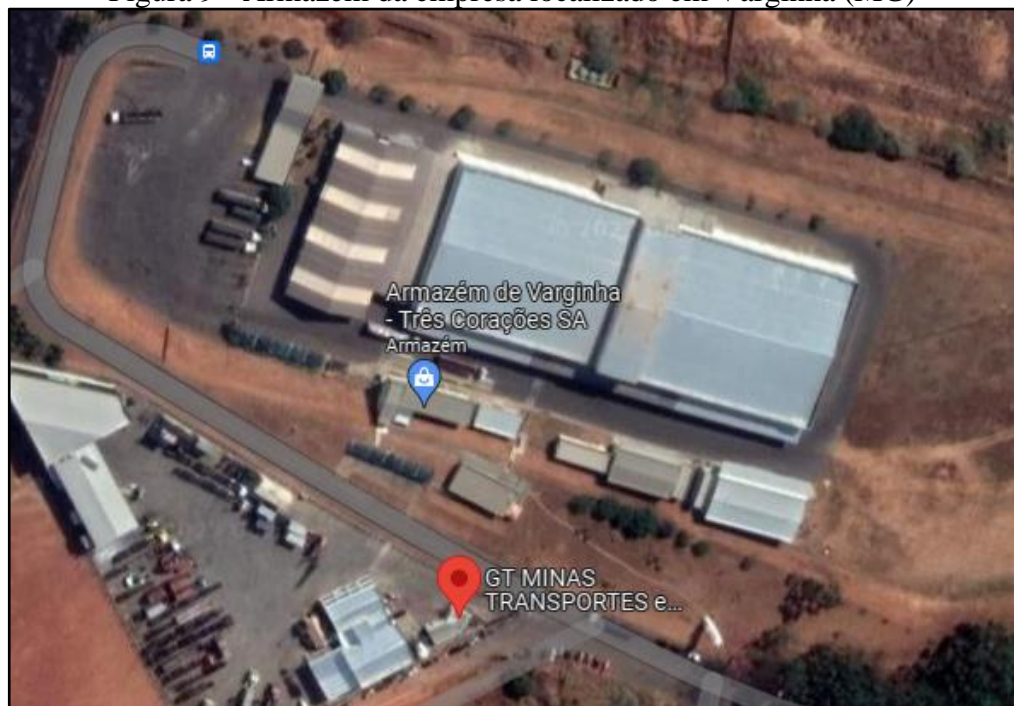
8

Disponível em: [https://www.3coracoes.com.br/wp-content/uploads/2016/10/Relatorio\\_Sustentabilidade\\_2019.pdf?x20808](https://www.3coracoes.com.br/wp-content/uploads/2016/10/Relatorio_Sustentabilidade_2019.pdf?x20808). (Acessado em 10.01.2023)

A divisão territorial do trabalho do grupo 3corações concentra atividades industriais nas regiões Nordeste e Sudeste, com destaque para Minas Gerais e Rio Grande do Norte, o maior estado produtor de café verde e o estado de origem do grupo, respectivamente. A presença de dois grandes armazéns (unidades atacadistas de beneficiamento, compra e venda de café verde) em Manhuaçu e Varginha (MG) nos indica possíveis rotas de escoamento dos produtos, e de articulações com outras empresas integradas ao circuito espacial da 3corações.

Os dois armazéns mineiros estão localizados ao lado de unidades da transportadora GT Minas. A unidade de Manhuaçu é localizada na rodovia BR 262, que conecta Minas Gerais ao Espírito Santo, e, segundo a transportadora GT, funciona para transportes com destino a região Nordeste.

Figura 9 - Armazém da empresa localizado em Varginha (MG)



Fonte: Google Earth (2023)

O grupo acabou de construir em 2022 uma série de novos sistemas técnicos/infraestruturas. São elas: expansão da unidade Fabril de Monte Sião; a construção do Silo com capacidade de 6000 toneladas, para ampliação do armazenamento de milho, no moinho em Mossoró (RN); a ampliação do Galpão de Solúveis (Instantâneos) para ampliação do armazenamento de insumos e elevação da cobertura para possibilitar a ampliação de produção em futuros projetos de cafés instantâneos, a construção de estacionamentos de caminhões e a construção de estação elevatória de tratamento de esgoto, todas em Natal (RN).

### 3.6 Projetos de expansão recentes

Ainda segundo a pesquisa documental que realizamos, foi possível identificar um processo de expansão das atividades produtivas das empresas do grupo, que se dá em duas grandes frentes: a diversificação da produção e a expansão territorial de sua atuação (seja pela aquisição de novas firmas, seja pela construção de unidades de produção e comercialização). No caso da diversificação da produção, os documentos dão destaque ao desenvolvimento de processos ligados às máquinas de café e a produção de café em cápsulas, bens de maior valor agregado em relação à tradicional produção de café torrado e moído. No segundo caso, o recente movimento para o estado do Amazonas, estratégico para a criação de uma nova plataforma de exportação de produtos ao atingir países da América do Sul a partir dos portos da Região Norte do Brasil, e a aquisição da marca Café Brasileiro (Mitsui & Co), marca de importância regional, com plantas industriais voltadas para o mercado da região Centro-Oeste.

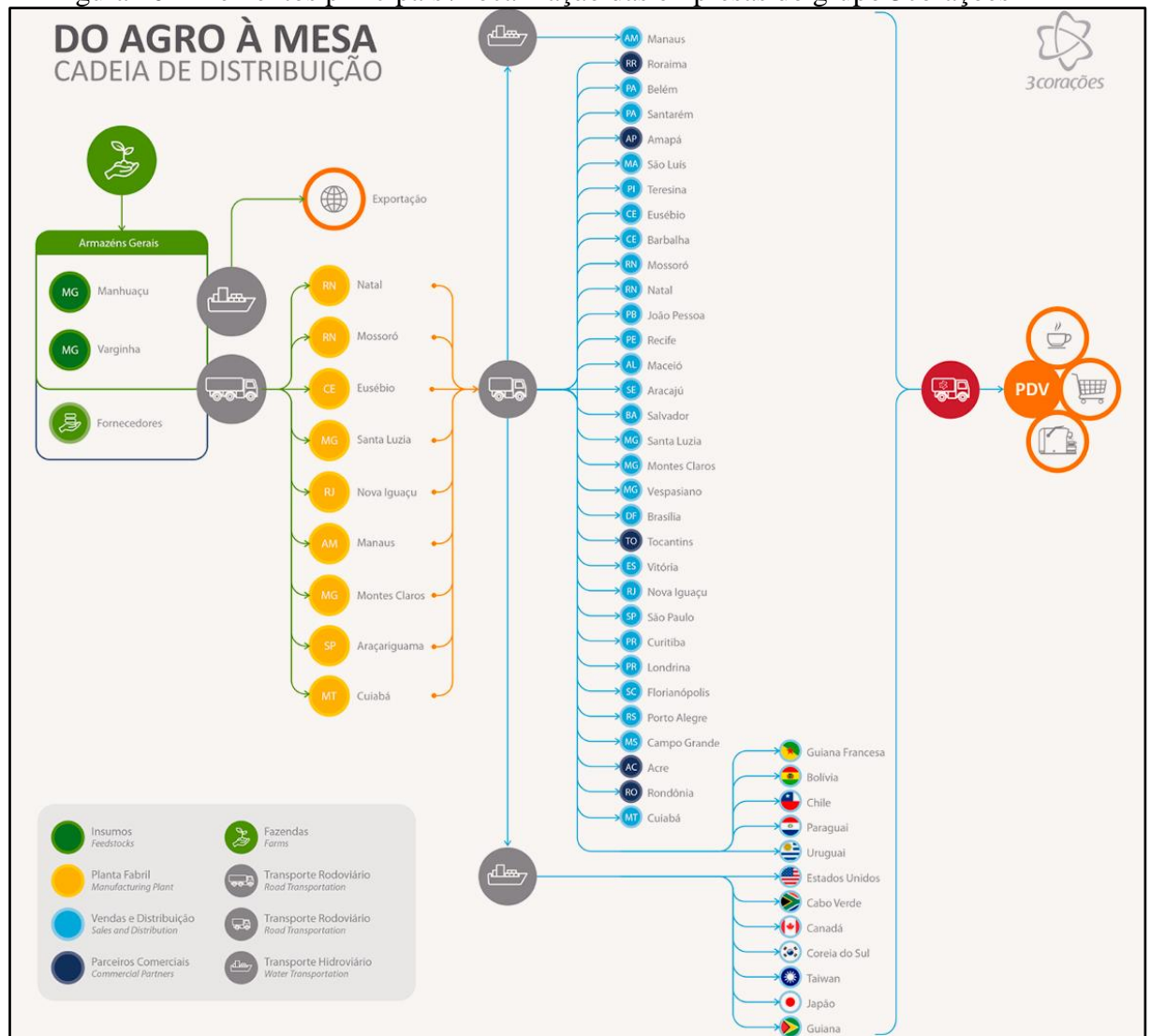
De acordo com a agência Reuters, em 2020 o Grupo 3Corações concluiu a compra da divisão de café torrado e moído da Mitsui Alimentos por R\$210 milhões, o maior negócio já realizado pelo grupo. Além do controle sobre a divisão de cafés, a aquisição incorporou a fabricação de cafés solúveis, achocolatados, cápsulas e *drip coffees*. A aquisição envolve a incorporação de duas plantas fabris (Araçariguama e Cuiabá) e um centro de distribuição em Cuiabá. O controle das atividades de exportação de café verde permaneceu com a transnacional japonesa Mitsui & Co.

No campo “Assistência financeira recebida pelo governo” dos Relatórios de Sustentabilidade de 2020 e 2021, o grupo declara receber incentivos fiscais estaduais e federais para suas operações nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Minas Gerais e Amazonas. A análise dos subsídios recebidos pelo grupo não se esgota na sua utilidade financeira, mas também em novos usos e estratégias territoriais. Segundo Santos e Silveira (2001) devemos considerar “como, onde, por quem, para que” as mudanças no território são estabelecidas, uma vez que a competitividade no mundo globalizado é também influenciada pelas redes técnicas presentes no território, pois condicionam as relações entre distância, escalas e velocidade.

Para entender melhor esta distribuição das unidades de produção, transportes e comércio que compõem o circuito espacial da 3 Corações, retiramos a figura abaixo do site da empresa. Ela mostra a logística de produção e distribuição das empresas do grupo, apontando os modais de transporte utilizados para 1. o transporte de café verde em território nacional (rodoviário) e internacional (marítimo, para Europa, América do Norte, Ásia e rodoviário, para América do Sul); 2. o transporte de café processado e produtos derivados em território nacional (rodoviário, em todos os estados brasileiros nos quais atua o grupo, exceto Amazonas, que utiliza hidrovias)

e internacional (idêntico ao transporte de café verde). Fica claro a predominância do modal rodoviário para as operações logísticas da empresa que dão conta do território nacional.

Figura 10 - Elementos principais / localização das empresas do grupo 3corações



Fonte: Site do grupo 3corações

No que diz respeito aos círculos de cooperação que constituem também esta rede corporativa da empresa, a pesquisa documental realizada nos mostrou alguns aspectos interessantes. Pedro Lima, atual presidente do Grupo, demonstra ter uma boa relação com a governadora Fátima Bezerra e com a Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte (FIERN). Desde 2019 a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico do RN (Sedec) orienta o Programa de Estímulo ao Desenvolvimento Industrial (Proedi) que concedeu incentivos fiscais para o projeto de expansão da unidade fabril de Mossoró da 3corações. Segundo Fátima Bezerra, a intenção do programa é gerar emprego e interiorizar uma indústria

sólida no estado. Sua proposta é abater de 80% a 85% do ICMS das empresas instaladas em Mossoró que fazem parte do programa, segundo o portal online Tribuna do Norte. Além disso, a 3corações é beneficiada pelo programa RN Gás Mais, que subsidia gás natural para empresas. Nas palavras de Jorge Cisneiros, diretor industrial da 3corações em Natal:

“Desse o ano de 2019 pro ano de 2020 nós dobramos a capacidade na área de achocolatados instantâneos, quando a gente lançou o achocolatado 3 Corações, e temos vários projetos de crescimento sustentados pelo incentivo dado, principalmente pela força do Proedi, que deu uma segurança jurídica muito boa”<sup>9</sup>

### 3.7 Elementos do circuito: cadeia de fornecimento, distribuição e exportação

Segundo ainda o Relatório de Sustentabilidade de 2021, os principais serviços realizados pelas unidades do Grupo 3corações são: produção, envase, distribuição e comercialização de alimentos; assistência técnica de máquinas; serviço de atendimento a clientes e consumidores; e atendimento e treinamento para *food service*. Nos pontos do circuito estritamente ligados às vendas, a empresa registra aproximadamente 400 mil pontos de venda no Brasil em 2022.

Os elementos do circuito diretamente ligados ao fornecimento das empresas são complexos. Os relatórios e os sites das empresas não mostram localizações de fornecedores de café verde, nem de maquinário. A preocupação do relatório de Sustentabilidade é apontar a garantia de que os fornecedores também cumprem os requisitos de práticas sustentáveis ambientais, econômicas e trabalhistas:

O Grupo 3corações estabelece critérios e mecanismos para seleção de fornecedores com base em critérios socioambientais para produtores de cafés os quais fornecem café em grão para a nossa produção de produtos baseados nos critérios das certificações Orgânica, Rainforest e UTZ. Para atendimento a estes requisitos de certificação, se faz que a origem de nossas matérias-primas destinadas a estas produções sejam e atendam aos respectivos critérios socioambientais destas certificações. Os critérios das certificações Rainforest e UTZ são, entre outros: Respeito aos direitos humanos e sociais; Atendimento à legislação trabalhista e previdenciária; Atendimento à legislação de Segurança do trabalho dos colaboradores e terceirizados. (Relatório de Sustentabilidade, 2020).

Nos relatórios de 2020 e 2021 o grupo declara que 99% dos seus fornecedores são de origem nacional. As linhas de café tradicionais (torra média) das principais marcas de café torrado e moído do grupo, 3 Corações, Santa Clara, Café Brasileiro, Pimpinela, Iguaçu,

<sup>9</sup> Disponível em: <https://costabrancaNews.com/3-coracoes-continua-crescendo-com-incentivos-do-governo-do-estado/>.(Acesso em: 10.01.2023)

inclusive as marcas Kimimo e Café Manaus, atuantes nas regiões Nordeste e Norte, tem origem nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo.

De acordo com os Relatórios, a empresa tem fornecedores internacionais. Em relação ao comércio exterior, o número de parceiros comerciais internacionais se manteve constante desde 2019 aos dias atuais, e são: Chile, Paraguai, Uruguai, Bolívia e Suriname. Em relação às vendas, o relatório aponta os EUA, Japão, Chile, Bolívia, Paraguai, Uruguai e Guiana Francesa como os maiores compradores de produtos prontos. Dentre os países, destacamos o Chile, devido à presença do Café Cruzeiro (no Brasil chamado de Café Iguazu) no mercado chileno desde 1985. A marca Café Iguazu surgiu em Cornélio Procópio (PR), em 1967, e exporta para o mercado chileno desde 1985. Em 2016, o grupo 3corações incorpora a Café Iguazu, fazendo a marca internacional Café Cruzeiro parte do seu portfólio de produtos exportados.

A linha Rituais de cafés torrados e moídos pertence à marca 3 Corações, e envolve produtores e fornecedores brasileiros e internacionais para produção de cafés especiais. Vale esclarecer que outras marcas do grupo também têm linhas de cafés especiais, como a Santa Clara, que distribui cafés especiais regionalmente; mas nós nos detivemos ao mapeamento da única linha que abertamente exporta produtos com selo de identificação geográfica das regiões produtoras de cafés brasileiras e com importações, dos seguintes países listados abaixo:

Quadro 3 - Origem da produção dos cafés da linha Rituais (3 Corações)

<b>Nacionais</b>	<b>Localização</b>
Minas Gerais	Fazenda Potreiros, Três Pontas
	Fazenda Águas Claras, Ilícinea
	Fazenda Santa Luzia, Campos Altos (cerrado mineiro)
	Fazenda Nossa Senhora de Fátima, Perdizes
São Paulo	Fazenda Bela Época, Ribeirão Corrente (Mogiana Paulista)
	Fazenda Nossa Senhora Aparecida, Pedregulho (Mogiana Paulista)
<b>Importados</b>	<b>Localização</b>
México	Jaltenango, Chiapas
Colômbia	Nariño
Indonésia	Java
Etiópia	Sidamo
Quênia	Nyambene
Papua Nova Guiné	Sem informações
Panamá	Sem informações

Fonte: Site da marca 3 Corações

Apesar de não ser possível mapear precisamente as etapas de exportação do circuito, entendemos que as linhas Rituais e, principalmente, a marca Café Cruzeiro, promovem os chamados “saltos de escala”, conforme definiu Frederico (2014, p. 41): “Trata-se da força que

determinado agente possui em transcender a sua escala de origem, desde o local até o global”. Isto é, trata-se de um processo em que pequenos e médios produtores nacionais, que conseguem atingir mercados latino-americanos e europeus através da intermediação das exportadoras da 3corações; e ainda que tais produtores tenham a disposição a tecnologia para as etapas do rebeneficiamento (escolha dos grãos, secagem, moagem, envase, entre outros processos).

A Holding São Miguel, empresa da Família Lima fundadora da Santa Clara, é também proprietária da Fazenda Sequóia, produtora de grãos para cafés especiais, localizada em Angelândia, na Chapada de Minas (MG), região tradicionalmente produtora de cafés especiais. Ainda assim, não podemos identificar precisamente outros fornecedores dos cafés que compõem a produção da maioria das marcas do grupo encontrados nos supermercados brasileiros; foi possível, porém, identificar a localização precisa da Fazenda Sequóia, que pode ser considerada um ponto importante do circuito espacial produtivo da corporação.

Figura 11 - Fazenda Sequóia, com destaque para pista de pouso de aviões ao centro da imagem



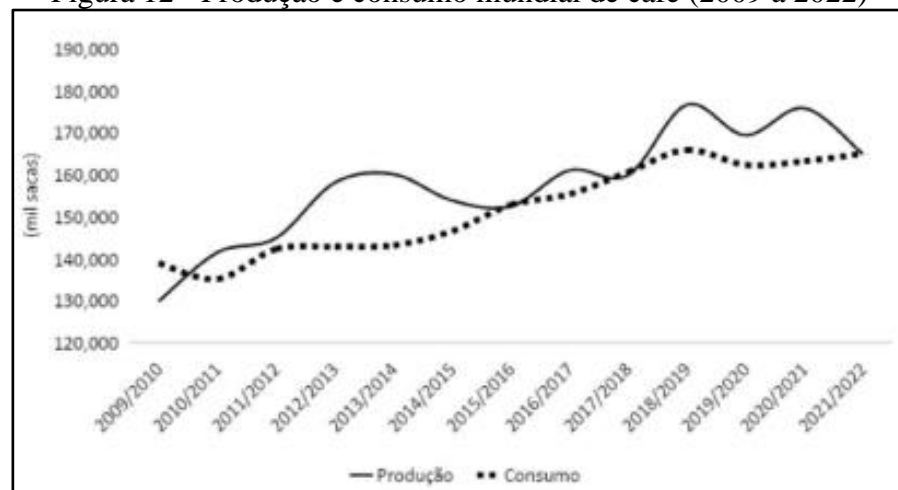
Fonte: Google Earth (2023)

A pandemia alterou o consumo de café pelos brasileiros, aumentando o consumo doméstico, em detrimento de bares e restaurantes. Segundo o Relatório de Sustentabilidade de 2020, diante dos impactos desses eventos, as estratégias do grupo foram a fiscalização dos produtores e o estabelecimento da política de aumento de estoques de café verde, para evitar perdas com a oscilação dos preços:

Com a pandemia, o Grupo esteve exposto a riscos operacionais e de mercado, principalmente no que tange a: Impactos na cadeia de suprimentos, incluindo também produtos importados. O Grupo passou a monitorar de perto o processo de entrega de mercadorias por todos os fornecedores e aumentou sua cobertura de estoque para mais dias do que o usual. Acompanhamos a variação de preço causada pelas taxas cambiais e pela oferta-procura; escassez de produtos devido às demandas do mercado externo para fornecedores que não tinham esta demanda; e a estratégia de alguns fornecedores em manter os estoques em níveis mínimos. Houve escassez temporária localizada nos mercados domésticos, também causando aumentos de preços. (Relatório de Sustentabilidade, 2020)

A ABIC registrou o aumento do consumo interno no Brasil, contabilizado em 21,5 milhões de sacas em 2021, que representa um crescimento de 1,71% em relação ao ano anterior. No quadro global, o setor representado pela Organização Internacional do Café (OIC) afirma que o consumo interno não deve ser suficiente para compensar as perdas com o consumo fora de casa (em bares e restaurantes). Ainda assim, a Associação Brasileira de Cafés registrou aumento de até 49% das vendas de café online das empresas associadas, sobretudo vendas de cafés especiais.

Figura 12 - Produção e consumo mundial de café (2009 a 2022)



Fonte: USDA - Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, elaborado por CIM/Universidade Federal de Lavras (UFLA)

Em novembro de 2020, o Grupo Folha premiou o grupo 3corações pela sua popularidade e pela consolidação das marcas do grupo como referências em café no mercado nacional. Segundo Roberta Prado, diretora de marketing do grupo, a pandemia impulsionou a empresa a melhorar seus canais de venda online e promoveu transformações logísticas na rede de

distribuição da empresa, visando atender os novos hábitos de consumo, como os cappuccinos e expressos feitos em casa.<sup>10</sup>

### **3.8 Modernização do circuito espacial: novos produtos, novos elementos dos círculos de cooperação**

Além dos projetos de expansão e dos novos elementos do circuito espacial do Grupo 3corações, identificamos um recente movimento da empresa com a diversificação da produção pelo aumento da produção de máquinas e cápsulas de café. Busch (2018) diz haver um ramo de inovações da indústria de alimentos que encontra alta demanda por consumo nos centros urbanos, pois visam poupar o tempo dos consumidores. Isto se deve ao modo de vida nas cidades, caracterizado pela rapidez do cotidiano e pelo desejo de se evitar desperdício de tempo.

Nesse sentido, o mercado de máquinas e cápsulas de café tem sido explorado desde 2013 pelo grupo 3corações, e é um exemplo recente e economicamente aquecido das grandes empresas do setor cafeeiro. Como mostra uma analista do grupo estudado:

“O segmento de cápsulas da 3 Corações cresceu mais de 17% em 2019 e a companhia está ampliando a capacidade de produção de sua fábrica de cápsulas em Montes Claros (MG) — a partir de junho de 2020, a unidade terá capacidade para produzir 300 milhões de cápsulas por ano (DESIDÉRIO, 2020)

Em relação aos círculos de cooperação no espaço, há um impasse gerado pelas barreiras à importação de café no Brasil, pois uma maior porosidade das fronteiras aos produtos externos poderia causar o enfraquecimento da produção nacional de café. Ainda assim, a importação é desejada pelas indústrias cafeeiras, principalmente, no caso da fabricação de cápsulas de cafés especiais de safras estrangeiras. A postura da 3 Corações, até 2015, foi a de não incentivar a importação de cafés especiais (diferentemente do segundo maior grupo do setor de cápsulas, Nestlé) e de produzir cápsulas com cafés exclusivamente nacionais. Mas a tendência mudou, com o lançamento da marca Rituais pela 3corações, que utilizam cafés importados tanto para a elaboração de cápsulas quanto para o segmento de torrados e moídos.

Outro setor aquecido nos centros urbanos, e recentemente explorado pelo grupo, é o de alimentos saudáveis. A notícia publicada pelo jornal Exame em fevereiro de 2020, apresenta a parceria criada entre o Grupo 3corações e a *Positive Brands*, empresa dona das marcas de alimentos naturais de origem vegetal. O acordo prevê 50% em operações e em cargos

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.3coracoes.com.br/materias/grupo-3coracoes-conquista-premio-top-of-mind/>. (Acesso em 08.01.2023)

administrativos para a 3corações, e demonstra um avanço da empresa no seguimento do marketing voltado para as soluções industriais chamadas *plant-based*, que unem alimentos orgânicos de origem vegetal às boas práticas ambientais e trabalhistas no processo de produção industrial. A partir dessa parceria, as empresas inauguraram uma cafeteria em formato de ponto de parada na ciclovia da Marginal Pinheiros, em São Paulo, com a finalidade de vender produtos energéticos e saudáveis aos praticantes de ciclismo, demonstrando, também, uma diversificação no setor de *food service* da 3corações.<sup>11</sup>

Do ponto de vista da *Positive Brands*, a parceria com o grupo que detém 32% do mercado brasileiro de café concretiza uma expansão produtiva através do acesso ao circuito espacial produtivo de alta densidade técnica, da alta capilaridade relativa aos fixos do grupo e ao acesso a terminais de distribuição e transporte da 3corações. Além disso, temos também a alçada de novos mercados consumidores, pois os produtos *plant-based* são mais caros do que a média de produtos ultraprocessados (como os achocolatados fabricados pela 3corações).

Samuel Frederico (2017) aponta para a tendência da “produção sustentável” desde o 3º período identificado (1970 a 1990) da sua proposta de periodização da cafeicultura brasileira. A preocupação com produções “limpas” em relação ao ambiente e “honestas” sobre questões trabalhistas apareceu como uma demanda no mercado consumidor global (principalmente europeu), e causou transformações nos circuitos de produção nos países produtores. No Brasil, vimos que a empresa 3corações toma ações cada vez mais “modernizadoras” nesse sentido, se adequando aos padrões estabelecidos pelo mercado global.

Nesse sentido, a Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC) criou os selos de pureza, qualidade, sustentabilidade, de cápsulas e de cafeteria, que por sua vez determinam os parâmetros oficiais de qualidade dos cafés brasileiros, de unidades de medida para comércio e exportação; estes selos foram também chancelados em publicação oficial emitida pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento/Secretaria de Defesa Agropecuária, e servem tanto aos importadores quanto aos consumidores finais. Sobre as relações trabalhistas, o grupo publicou que não registrou incidentes de violação dos direitos dos povos indígenas, não contribuiu financeiramente com partidos políticos, e não registrou casos de fornecedores ligados a ocorrências de trabalho forçado entre 2019 e 2021:

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://exame.com/negocios/grupo-3coracoes-e-dona-de-a-tal-da-castanha-formam-parceria/>. (Acesso em 31.01.2023)

O Grupo 3corações não identificou, em 2021, fornecedores e operações que apresentassem risco para a ocorrência de casos de trabalho forçado. A empresa descreve claramente, em sua Carta de Conduta e cláusulas contratuais, seu posicionamento a respeito do tema, manifestando-se contrária a essa condição. Adicionalmente, exige que seus fornecedores adotem as melhores práticas trabalhistas, obedeçam às leis, recolham tributos e promovam o meio ambiente saudável. (Relatório de Sustentabilidade, 2021)

A assinatura do programa holandês UTZ (2002) e do estadunidense *Rainforest Alliance* (1987), ambos de alcance global, indicam as ações do grupo para se adequar a estes padrões do mercado global, catalisando assim a internacionalização através dos selos de sustentabilidade. Por ser um grupo agroindustrial, a garantia dos selos dos programas citados serve como base para contratos com empresas estrangeiras e como publicidade, além de reforçar o compromisso com a agenda global de práticas sustentáveis. Esse conjunto de ações nos pareceu ser uma das características do Período da Cafeicultura Científica Globalizada e o Meio-Técnico-Científico-Informacional, iniciadas na década de 1990, e que significa também uma complexificação das normas e dos padrões corporativos de produção das firmas que disputam mercados que são nacionais e globais ao mesmo tempo

O lançamento da Cafeína Hub, segundo a página de notícias do grupo, é uma maneira de conectar empresas de tecnologia do Brasil às demandas das empresas do grupo. A proposta do Hub é lançar editais temáticos para a solução de problemas da empresa, como logística de transportes, soluções para crédito e inadimplência dos clientes.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://forbes.com.br/forbesagro/2022/11/pwc-compra-o-hub-agtech-garage-veja-os-destaques-do-agroround/>. (Acesso em 25.01.2023)

#### 4. Considerações finais

A compreensão da crescente complexificação do território brasileiro causada pelo aprofundamento das relações econômicas globais exige a investigação dos usos do território e de suas nuances. O Período da Cafeicultura Científica Globalizada, possível pela difusão seletiva e maciça do Meio-Técnico-Científico-Informacional mundo afora, marca o início da série de modernizações que reconfiguraram o circuito espacial produtivo do café, através da introdução massiva de tecnologias da informação na dinâmica da produção-distribuição-troca-consumo de café verde e café torrado e moído e, principalmente, da entrada de grandes empresas transnacionais no mercado brasileiro do produto.

Nesse processo, o papel do Brasil no mercado mundial é renovado, como o surgimento de empresas brasileiras de relevância internacional. Assim, é imprescindível investigar o comportamento espacial das firmas nacionais e transnacionais de café ao longo desse período, localizando unidades produtivas e parceiros comerciais, e caracterizando os seus possíveis usos corporativos do território nacional. O crescimento das empresas nacionais, aliada a entrada de grandes corporações de café no Brasil, promoveram o intenso aumento das articulações locais e globais, no qual as indústrias de café tomam decisões importantes sobre os circuitos espaciais e círculos de cooperação, visando a adequação da produção nacional ao mercado consumidor global e à renovação tecnológica produtiva do café.

Ainda que com todas as dificuldades registradas para a execução de nossa pesquisa documental/empírica, foi possível identificar que o grupo de empresarial de origem potiguar 3corações se consolidou como o maior produtor de café do Brasil após a fusão com o conglomerado israelense Strauss Group, uma corporação transnacional da indústria de alimentos. A fusão deu início a intensa internacionalização do grupo brasileiro, realizada pela diversificação da sua pauta de exportações e pelo alinhamento dos seus valores ambientais, trabalhistas e de comércio justo, segundo os parâmetros definidos por organizações multilaterais e empresas globais do setor. A partir desse quadro, os conceitos de circuito espacial de produção e círculos de cooperação no espaço direcionam nossos olhares para as ações das empresas do grupo, como fusões, expansões e normatizações em que se articulam interesses de grandes corporações transnacionais, empresas nacionais, produtores locais e do Estado brasileiro.

Nesse processo, identificamos, por exemplo, a realização dos “saltos de escala” dos pequenos e médios cafeicultores brasileiros, que conseguem comercializar cafés especiais com qualidade para exportação através de intermediários que os integram ao circuito global do café. Ainda assim, conforme nos mostra Frederico (2014), a lógica da circulação e acumulação do

capital torna “limitada” a participação desses produtores menores (pois estes são remunerados com menores partes dos lucros do circuito); ao passo que as grandes empresas globais selecionam seus fornecedores de forma técnica e criteriosa, se valendo da informação produtiva e do controle dos fluxos, aferindo para si a maior parte dos excedentes gerados no circuito. Vale afirmar que, além das transformações de ordem infraestrutural – e dos novos usos do território promovidos pelas tecnologias de controle remoto da produção –, há transformações territoriais mais sutis em curso, movimentadas pela circulação de informação e de fluxos ligados ao mercado financeiro, que nos atentam para as relações hierárquicas da produção e de autonomia dos territórios destinados à produção e processamento de café no Brasil.

## 5. Referências bibliográfica

- ANTAS JR., Ricardo Mendes. A economia política da saúde no território brasileiro e seu complexo industrial: uma análise a partir do conceito de circuito espacial produtivo. *Sociedade e Natureza*, Uberlândia, v. 29, n. 2. 2017, p. 243-256.
- ARROYO, Mónica. Circuitos espaciais de produção industrial e fluxos internacionais de mercadorias na dinâmica territorial do estado de São Paulo. *Boletim Campineiro de Geografia*, Campinas, v. 2, n. jan/abr. 2012, p. 7-26.
- BOMTEMPO, D. C. Dinâmicas territoriais e interações espaciais: a configuração do circuito espacial da produção da Nestlé S/A. *Caderno Prudentino De Geografia*, Presidente Prudente, (34), 2012, 72–96.
- BUSCH, Silvia Inés; SILVEIRA, Maria Laura; DOMÍNGUEZ, Luisa; Modernización en el circuito productivo de alimentos y aceleración contemporánea en la Región Metropolitana de Buenos Aires. *Repositório Institucional da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires*. Buenos Aires, 2018.
- CASTILLO, Ricardo; FREDERICO, Samuel. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 22, n.3. 2010, p.461-474.
- DIAS DIAS, M. E.; OLIVEIRA, E. L. de. Circuitos espaciais de produção da tilapicultura nos contextos regionais norte e oeste do Paraná. *Revista Terr@ Plural (Online)*, [S. l.], v. 16. 2022, p. 1–19.
- FREDERICO, Samuel. CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO DO CAFÉ E O JOGO DE ESCALAS. *Mercator*, Fortaleza, v. 13, n. 1. 2014, p. 37-48.
- FREDERICO, Samuel. Território e cafeicultura no Brasil: uma proposta de periodização. *GEOUSP Espaço e Tempo (Online)*, [S. l.], v. 21, n. 1. 2017, p. 73-101
- IBGE. *A Geografia do café*. Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.
- RAMOS, S. F.; CASTILLO, R. A. Sistemas técnicos agrícolas do algodão e uso do território brasileiro. *Revista Geografia*, Rio Claro, SP, v. 35, n. 1. 2010, p. 101-112
- RUFINO, J. L. S. *Programa Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento do Café: antecedentes, criação e evolução*. 1. ed. Brasília-DF: EMBRAPA Café, v. 1. 2006, 348p.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996
- SANTOS, M. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel. 1985.
- SANTOS, Milton & SILVEIRA, María Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, S. C. da. O circuito espacial de produção do petróleo e o círculo de cooperação: uma leitura da dimensão política da urbanização. *GEOUSP Espaço e Tempo (Online)*, [S. l.], v. 23, n. 2, 2019, p. 307-321.

SMITH, N. Scale Bending and the Fate of the National. In: Sheppard, E.; McMaster, R. B., *Scale and Geographic Inquiry Nature, Society, and Method*. Malden, USA: Blackwell Publishing. 2004. p. 192 – 212.

SÓRIO, André (org.). *Reposicionamento estratégico das indústrias processadoras de café do Brasil: propostas para sistematização de políticas públicas e estratégias de negócio*, Passo Fundo: Méritos. 2015, p.222.

### **Sites, notícias e relatórios técnicos consultados**

As lições de Pedro Lima, presidente do Grupo 3corações. *Época Negócios*, 2016. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/empreendedorismo/noticia/2016/10/licoes-de-pedro-lima-presidente-do-grupo-3-coracoes.html>. Acesso em: 28 de janeiro de 2023.

Aumento do consumo durante a pandemia e queda na oferta faz preço do café reagir no mercado, mas custos de produção preocupam. Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), 2021. Disponível em: <https://www.cnabrazil.org.br/publicacoes/aumento-do-consumo-durante-a-pandemia-e-queda-na-oferta-faz-preco-do-cafe-reagir-no-mercado-mas-custos-de-producao-preocupam>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2023

DESIDÉRIO, MARIANA. 3corações: O plano da gigante do café pós-aquisições. *Revista Exame*, São Paulo, 19 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://exame.com/negocios/e-commerce-capsulas-e-diversificacao-o-plano-da-3coracoes-pos-compras/>. Acesso em: 28 de Agosto de 2021.

Global Presence. Strauss Group, 2023. Disponível em: [https://www.strauss-group.com/location/strauss\\_israel/](https://www.strauss-group.com/location/strauss_israel/). Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

GOMES, J.R. 3corações compra operação de café torrado e moído da Mitsui por R\$210 mi. *Reuters*, 2020. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/commods-cafe-trescoracoes-idBRKBN20B1S6-OBRS>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2023.

Grupo 3corações conquista prêmio Top of Mind, 2021. Grupo 3corações. Disponível em: <https://www.3coracoes.com.br/materias/grupo-3coracoes-conquista-premio-top-of-mind/>. Acesso em 08 de janeiro de 2023.

Grupo 3corações e dona da marca A Tal da Castanha formam parceria. *Revista Exame*, 2020. Disponível em: <https://exame.com/negocios/grupo-3coracoes-e-dona-de-a-tal-da-castanha-formam-parceria/>. Acesso em: 31 de janeiro de 2023.

Grupo 3corações lança Cafeína Hub para atrair novos negócios digitais e parcerias com startups. Disponível em: <https://www.3coracoes.com.br/materias/grupo-3coracoes-lanca-cafeina-hub-para-atrair-novos-negocios-digitais-e-parcerias-com-startups/>. Acesso em 31 de janeiro de 2023.

Indicadores da Indústria de Café 2021. Associação Brasileira da Indústria de Café, 2021. Disponível em: <https://estatisticas.abic.com.br/estatisticas/indicadores-da-industria/indicadores-da-industria-de-cafe-2021/#:~:text=a%20ind%C3%BAstria%20nacional,-.Os%20n%C3%BAmeros%20de%20consumo%20revelam%20que%2C%20apesar%20da%20crise%20econ%C3%BAmica,per%C3%ADodo%20analisado%20no%20ano%20anterior.> Acesso em: 04 de janeiro de 2023.

Mais do que um programa de incentivos fiscais. Tribuna do Norte, 2019. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/mais-do-que-um-programa-de-incentivos-fiscais/456539>. Acesso em: 18 de janeiro de 2023

PwC compra o hub AgTech Garage; veja os destaques do AgroRound. Revista Forbes, 2022. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbesagro/2022/11/pwc-compra-o-hub-agtech-garage-veja-os-destaques-do-agroround/>. Acesso em: 25 janeiro de 2023.

Relatório de Sustentabilidade 2019. Grupo 3corações, 2020. Disponível em: [https://www.3coracoes.com.br/wp-content/uploads/2016/10/Relatorio\\_Sustentabilidade\\_2019.pdf?x20808](https://www.3coracoes.com.br/wp-content/uploads/2016/10/Relatorio_Sustentabilidade_2019.pdf?x20808). Acesso em: 05 de junho de 2021.

Relatório de Sustentabilidade 2020. Grupo 3corações, 2021. Disponível em: <https://sites.google.com/3coracoes.com.br/relatorio-de-sustentabilidade?pli=1>. Acesso em: 15 de janeiro de 2023.

Relatório de Sustentabilidade 2021. Grupo 3corações, 2022. Disponível em: <https://sites.google.com/3coracoes.com.br/2021rel-de-sustentabilidade>. Acesso em: 15 de janeiro de 2023

O que é GRI? Entenda tudo! Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (Cebds), 2017. Disponível em: [https://cebds.org/o-que-e-gri/#.Y9\\_3PHbMLrc](https://cebds.org/o-que-e-gri/#.Y9_3PHbMLrc). Acesso em: 17 de janeiro de 2023.

3 Corações continua crescendo com incentivos do Governo do Estado, Costa Branca News, 2020. Disponível em: <https://costabrancanews.com/3-coracoes-continua-crescendo-com-incentivos-do-governo-do-estado/>. Acesso em 10 de janeiro de 2023.

3corações acelera expansão com outra aquisição no país. Brasil Agro, 2018. Disponível em: <https://www.brasilagro.com.br/conteudo/3coracoes-acelera-expansao-com-outra-aquisicao-no-pais.html>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.